

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO  
DA  
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Marisa de Fátima Santana Carvalho

A INDÚSTRIA NA CRISE:  
Uma Comparação entre os Setores  
Competitivos e Oligopolizados

Dissertação apresentada ao  
Curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV  
Área de Concentração: Economia  
Aplicada à Administração, como  
requisito para obtenção de título  
de mestre em Administração.

Orientador: Prof. Luiz C. B. Pereira

SÃO PAULO  
FEVEREIRO/1984



Fundação Getúlio Vargas  
Escola de Administração  
de Empresas de São Paulo  
Biblioteca



355/1990



1199000355

2

Escola de Administração de Empresas de São Paulo	
Data	N.º de Chamada
09.05	338.45 C331u
N.º Volume	Registrado por
355/90	arm

DIS.  
L.2

334.72 : 339.13.012.42 : 339.13.012.432

A INDÚSTRIA NA CRISE:

Uma Comparação entre os Setores  
Competitivos e Oligopolizados

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador: Luiz Carlos Bresser Pereira

Professor: Yoshiaki Nakano

Professor: Andrea Sandro Calabi

Professor: Sergio Amad Costa

## Í N D I C E

LISTA DE TABELAS.....	Página iv
LISTA DE GRÁFICOS.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - A NOVA TEORIA DO OLIGOPÓLIO.....	4
1. Antecedente: O Processo de Concentração...	5
2. Proposições Gerais do Modelo de P.S.Labini	8
3. Oligopólio no Ciclo Econômico.....	15
4. Contribuições Teóricas Aplicadas à Realida <u>de</u> de dos Países Menos Desenvolvidos.....	20
CAPÍTULO II - UMA COMPARAÇÃO ENTRE O COMPORTAMEN <u>TO</u> DOS SETORES COMPETITIVOS E OLI- GOPOLIZADOS NA CRISE.....	24
1. Considerações Metodológicas.....	30
2. Produção Industrial.....	33
3. Emprego Industrial.....	44
4. Salários e Relação Salário Real/Produtivi- dade.....	54
5. Preços Industriais.....	66
6. Indicadores Financeiros.....	74
CONCLUSÃO.....	77
APÊNDICE.....	79
BIBLIOGRAFIA.....	83



L I S T A     D E     T A B E L A S

	Página
TABELA I	
ELEMENTOS IMPORTANTES NA DETERMINAÇÃO DO PREÇO NO CICLO.....	17
TABELA II	
SITUAÇÕES POSSÍVEIS NO CICLO ECONÔMICO.....	18
TABELA III	
ÍNDICE DE PRODUÇÃO E EMPREGO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO.....	28
TABELA IV.1	
TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA, SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO.....	34
TABELA IV.2	
TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO DOS BENS.....	35
TABELA IV.3	
TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO.....	37
TABELA IV.4	
NÍVEL DE CAPACIDADE OCIOSA, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA.....	42

TABELA V.1

TAXAS DE CRESCIMENTO DO EMPREGO, SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO.....	46
--	----

TABELA V.2

TAXAS DE CRESCIMENTO DO EMPREGO, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA.....	48
--	----

TABELA V.3

TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE, SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA.....	51
--	----

TABELA V.4

TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA.....	52
---	----

TABELA VI.1

TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO REAL, SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA.....	56
---	----

TABELA VI.2

TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO REAL, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA.....	57
--	----

TABELA VI.3

TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO REAL/PRODUTIVIDADE SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA.....	61
--	----

TABELA VI.4

TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO REAL/PRODUTIVIDADE, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA.....	62
--	----

TABELA VII.1

TAXA MÉDIA DE INFLAÇÃO, SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA.....	70
--	----

TABELA VII.2

TAXA MÉDIA DE INFLAÇÃO, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA.....	71
---	----

TABELA VIII.1

INDICADOR FINANCEIRO: LUCRO DISPONÍVEL/RECEITA OPERACIONAL.....	75
--	----

TABELA VIII.2

INDICADOR FINANCEIRO: LUCRO DISPONÍVEL/PATRIMÔNIO LÍQUIDO REAL .....	76
---	----

L I S T A   D E   G R Á F I C O S

	Página
GRÁFICO I	
PRODUÇÃO INDUSTRIAL.....	39
GRÁFICO II	
CAPACIDADE OCIOSA.....	43
GRÁFICO III	
EMPREGO INDUSTRIAL.....	49
GRÁFICO IV	
PRODUTIVIDADE.....	53
GRÁFICO V	
SALÁRIO MÉDIO REAL.....	58
GRÁFICO VI	
RELAÇÃO SALÁRIO REAL/PRODUTIVIDADE.....	63
GRÁFICO VII	
PREÇOS RELATIVOS.....	72



## I N T R O D U Ç Ã O

Nos últimos anos vários estudos têm sido realizados com o intuito de examinar as relações que se estabelecem entre a estrutura de mercado e o desempenho de setores industriais. Estes estudos ressaltam que o setor industrial apresenta uma grande diversidade de estruturas de mercado que condicionam, por sua vez, comportamentos distintos entre os vários segmentos industriais.

Apesar da indústria se constituir numa categoria de análise, pois apresenta características próprias que a distingue de outros setores produtivos, é importante analisar o comportamento das partes que constituem o setor industrial.

Uma forma que nos pareceu conveniente de classificar estas diferenças foi o de agregar os gêneros industriais em mercados competitivos e mercados oligopolizados. Este recurso metodológico é bastante útil, pois permite detectar os aspectos mais relevantes da complexa estrutura industrial.

A semelhança do que é feito em outros estudos, este trabalho tem como ponto de referência teórica as proposições elaboradas por J. Bain, J. Steindl e P.S. La-



bini. Estes e muitos outros economistas negaram a validade da análise do oligopólio nos moldes da teoria econômica tradicional.

Nas palavras de Sylos Labini, estas análises "partem de hipóteses abstratas, que têm caráter essencialmente psicológico. Têm sido consideradas hipóteses cada vez mais complexas, referentes a 'curvas de reação' dos concorrentes e a 'variações conjecturais'. Assim, a produção de hipóteses e soluções atingiram proporções alarmantes. (...). A verdade é que pelo caminho das 'variações conjecturais' (imagino que ele acreditava que eu acreditasse) não se pára nunca mais. As soluções podem aumentar indefinidamente e propor essas hipóteses e soluções pode tornar-se uma profissão".

Tendo, portanto, como pano de fundo as idéias da corrente de economistas que elaborou um conjunto de conceitos e proposições em confronto com o modelo marginalista, analisaremos o comportamento recente do setor industrial no Brasil.

O objetivo desta dissertação é averiguar o comportamento do setor industrial, destacando as diferenças existentes entre o segmento competitivo e oligopolizado.

No primeiro capítulo, expomos algumas proposições acerca da Moderna Teoria do Oligopólio. Centramos nossa atenção nas proposições elaboradas por P.S.Labini, pois este autor, além de ser um dos expoentes desta corrente de economistas, analisa o setor oligopolista no contexto de ciclos econômicos.

No segundo capítulo, analisamos o comportamento do setor industrial no período de 1979-1983. O nosso objetivo é distinguir o comportamento do setor competitivo e do oligopolizado. Paralelamente, investigamos estes dois grupos industriais em duas fases distintas do ciclo econômico: na conjuntura de desaceleração e no período de crise.

No terceiro capítulo, apresentamos as conclusões do trabalho, dando um destaque especial aos reflexos do comportamento dos setores competitivos e oligopolizados sobre o nível geral de preços.

## CAPÍTULO I

### A NOVA TEORIA DO OLIGOPÓLIO<sup>1</sup>

A teoria econômica marginalista trata a estrutura oligopolista de forma inadequada. Esta deficiência não causaria muitos danos aos economistas e à própria economia, se a estrutura oligopolista se instalasse nos setores "marginais". Na realidade, constata-se que esta estrutura caracteriza os setores mais dinâmicos e, assim sendo, o seu comportamento condiciona o próprio desenvolvimento da economia como um todo.

Questões como: qual será o caminho engendrado pelo sistema capitalista?, quais são os instrumentos de política adequados para tratar os problemas atuais como inflação, dívida externa?, estão intimamente ligadas ao oligopólio.

Portanto, o entendimento da dinâmica da fase atual do capitalismo passa, necessariamente, pela compreensão do comportamento dos oligopólios.

Em contraposição ao esquema marginalista, vários estudos foram realizados visando a determinar as relações que se estabelecem entre a estrutura industrial e o comportamento das grandes empresas. É dentro desta perspectiva que se enquadra o presente capítulo.

---

(1) Utilizamos a terminologia "Nova Teoria do Oligopólio" para ressaltar a oposição à teoria do oligopólio nos moldes marginalistas. Muitos autores, entretanto, adotam a denominação "Teoria da Organização Industrial".

Descrevemos, aqui, algumas das proposições formuladas por P.S. Labini. A análise deste autor constitui uma marcante contribuição ao avanço da "nova teoria do oligopólio".

### 1.1 Antecedente: o processo de concentração

Existe um amplo consenso entre os economistas que o sistema capitalista sofreu profundas modificações ao longo do seu desenvolvimento histórico e que, como reflexo destas transformações, pode-se distinguir duas fases no capitalismo: o Capitalismo Concorrencial e o Capitalismo Monopolista.

Em sua fase inicial, o capitalismo se apresentou como um sistema concorrencial, onde a livre ação das forças da oferta e da demanda determinava os preços. A fase competitiva caracterizava-se pela existência de um número muito grande de empresas que produziam produtos homogêneos. Nesta situação, cada empresa detinha uma pequena parcela da produção total, o que impossibilitava às firmas individuais determinarem os preços de seus produtos.

O progresso técnico<sup>2</sup>, no entanto, iria paulatina-

---

(2) O progresso técnico não deve ser aqui entendido como um fenômeno acidental, ou apenas um problema técnico. As inovações são geradas, condicionadas pela necessidade de acumulação dos capitalistas. Nesse sentido, seus determinantes são basicamente econômicos, na medida em que as inovações são incorporadas ao processo produtivo e também no sentido de que sua velocidade e seu caráter dependem da expansão da demanda e da estratégia das empresas. Nesta perspectiva, as inovações são antes o resultado do processo de inversão do que sua causa determinante no desenvolvimento de longo prazo, como afirma Josef Steindl.



mente imprimindo uma nova feição às características fundamentais do sistema concorrencial. À medida em que as inovações tecnológicas permitiam que algumas empresas (que incorporavam as novas técnicas) reduzissem seus custos e se tornassem mais eficientes, propiciavam, por outro lado, a eliminação das empresas menos eficientes. Neste processo, as empresas inovadoras foram aumentando a dimensão de suas instalações e/ou, através das fusões, foram absorvendo a parcela do mercado das empresas menos eficientes, que eram eliminadas e/ou absorvidas. Estes fatores elevaram significativamente o capital fixo investido na produção, dificultando a mobilidade do capital. Paralelamente, surgem novos segmentos industriais que exigem a inversão de um imenso volume de recursos.

É necessário esclarecer que este processo de contínua concentração tomou um definitivo impulso na segunda metade do século XIX, em consequência da revolução dos meios de transporte e de comunicações. Até então, as dificuldades envolvidas no transporte de mercadorias a longa distância inviabilizavam, em larga escala, a separação, em termos geográficos, da produção e comercialização. E, desta forma, se constituía num fator limitante à expansão das empresas e da demanda por seus produtos.

Com o desenvolvimento das estradas de ferro e dos barcos a vapor, e conseqüente redução dos custos de transportes, mercados antes restritos às empresas locais puderam ser invadidos por empresas instaladas em regiões distantes. Segundo Labini, "os novos meios de transporte atingem um desenvolvimento tal



que permite a unificação dos mercados não só no plano nacional, como continental e, até mesmo, mundial"<sup>3</sup>, ou ainda, conforme afirma Harry Braverman, "as cidades ficaram liberadas de sua dependência para com fornecimentos locais e passaram a constituir parte do mercado internacional"<sup>4</sup>.

Deve ser ressaltado, neste ponto, que o processo de concentração se realizou através de duas formas: 1) a centralização que se consubstanciava através das fusões e 2) a concentração propriamente dita, que se expressava pela tendência do capital a aglomerar-se em grandes unidades, aumentando as dimensões de suas plantas.

Marx afirma que no processo de concentração "cada acumulação se torna meio da nova acumulação. Ao ampliar-se a massa de riqueza que funciona como capital, a acumulação aumenta a riqueza nas mãos de capitalistas individuais e, em consequência, a base da produção em grande escala e dos métodos de produção especificamente capitalistas". Enquanto a centralização "é a concentração dos capitais já formados, a supressão de sua autonomia individual, a expropriação do capitalista pelo capitalista, a transformação de muitos capitais pequenos em poucos capitais grandes"<sup>5</sup>.

---

(3) LABINI, Paolo Sylos. Oligopólio e Progresso Técnico. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1980, p.34.

(4) BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, p.223.

(5) MARX, Karl. O Capital. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1980, p.726,727.

A oligopolização, portanto, se difunde e modifica substancialmente as inter-relações entre as empresas e a forma de determinação dos preços. Grande parte dos setores industriais passa a abrigar grandes empresas que detêm uma parcela significativa da produção total do setor<sup>6</sup>. E, dessa forma, a estrutura industrial anterior, constituída por empresas atomizadas, se transforma e dá lugar a uma estrutura, onde, apesar da existência de pequenas e médias empresas, são as grandes que determinam as condições de preço e de oferta.

## 1.2 Proposições gerais do modelo de P.S. Labini

O esforço teórico empreendido nos últimos cinqüenta anos para formular uma teoria que seja capaz de descrever e explicar adequadamente as condições de determinação dos preços e da concorrência na estrutura industrial, dominada pelas grandes empresas, encontra em P.S. Labini um dos seus maiores expoentes.

Labini em seu livro Oligopólio e Progresso Técnico elabora um modelo teórico que, além de desvendar o comportamento das grandes empresas, explicita como as decisões sobre os níveis de preço e de produção determinados por essas empresas podem afetar a estrutura de mercado.

---

(6) Fazemos referência no texto à oligopolização do setor industrial, mas deve ser deixado explícito que este processo se estendeu a outros setores da economia.

O progresso técnico desempenha um papel fundamental em sua análise, pois é a partir da compreensão exata dos efeitos das inovações sobre o sistema produtivo que Labini formula os dois pilares de seu modelo. Em primeiro lugar, as inovações tecnológicas não se difundem continuamente e, em geral, nem amplamente e, em segundo lugar, a entrada de novos concorrentes é dificultada pela ação de fatores que decorrem, em muitos casos, de vantagens técnicas<sup>7</sup>.

Com relação à primeira colocação, o autor salienta que o processo de concentração cria significativas discontinuidades tecnológicas, o que resulta na existência de firmas de tamanhos muito distintos (com diferentes níveis de produção e custos). E, como reflexo desta situação, somente as grandes empresas podem utilizar métodos técnicos ou organizacionais que propiciam economias de escala e, conseqüentemente, neste aspecto, as inovações não se difundem amplamente. Por outro lado, as inovações não se difundem continuamente, pois, ao introduzi-las, as grandes empresas conseguem, ao menos por algum tempo, protegê-las por patentes.

O segundo ponto importante é aquele que se refere às condições de entrada de novas empresas. Em oposição ao mecanismo de livre e constante entrada de novas firmas do sistema

---

(7) É necessário esclarecer que aceitamos a caracterização introduzida por J.S.Bain sobre as formas de barreiras à entrada. Este autor identificou três tipos de barreiras: 1) diferenciação do produto; 2) vantagens absolutas de custo; e 3) economias de escala. No entanto, no escopo do estudo de Labini - essencialmente o oligopólio concentrado - as barreiras à entrada relevantes são aquelas decorrentes de vantagens absolutas de custo e/ou economias de escala que, em geral, vinculam-se com fatores tecnológicos.

competitivo, na estrutura oligopolista prevalecem as barreiras à entrada. Como resultado, as empresas estabelecidas no mercado podem obter um nível de lucro superior ao do mercado competitivo.

Diante da conjugação destes princípios gerais, depreende-se que o estabelecimento dos preços no oligopólio não pode ser explicado através da interação das curvas de oferta e demanda. Neste tipo de mercado, as grandes empresas podem fixar seus preços. Como muito bem descreveram Baran e Sweezy, "e como as relações de mercado são essencialmente relações de preço, o estudo do capitalismo monopolista, como o do capitalismo competitivo, deve começar com o funcionamento do mecanismo dos preços. A diferença crucial entre os dois é bem conhecida e pode ser resumida na proposição de que sob o capitalismo competitivo a empresa individual aceita os preços, ao passo que no capitalismo monopolista a empresa é que faz o preço"<sup>8</sup> (o grifo é nosso).

O poder de fixar os preços e a própria concorrência nestes mercados assumem, no entanto, aspectos distintos que dependem do grau de concentração e do tipo de barreira à entrada. Tendo como base esta constatação, Labini distingue três tipos de estrutura oligopolista: oligopólio concentrado, oligopólio diferenciado e oligopólio misto (concentração com diferenciação).

No oligopólio concentrado, predomina a barreira à entrada proveniente da técnica, que atua "para fora" do mercado,

---

(8) BARAN, P.A. e SWEETZY, P.M.. O Capitalismo Monopolista - Ensaio sobre a Ordem Econômica e Social Americana. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978, p.61.



obstruindo a entrada de novos concorrentes. Como consequência, o número de empresas se restringe, o que se expressa em elevado nível de concentração. Nesta estrutura são importantes as economias de escala e as descontinuidades tecnológicas. Esta última característica conduz à utilização de técnicas distintas entre as empresas de diferentes tamanhos, o que possibilita o aparecimento da empresa "price-leader". Os setores que produzem produtos homogêneos são típicos do oligopólio concentrado. Dentre eles podem ser citadas as indústrias produtoras de insumos básicos como: siderurgia, química, papel e cimento.

No oligopólio diferenciado existem barreiras que atuam "para dentro" do mercado (contra os concorrentes efetivos) e "para fora" (contra os concorrentes potenciais). As barreiras que atuam "para dentro" estão relacionadas com a diferenciação dos produtos. O fluxo de inovações de produtos, portanto, se expressa como uma forma de competição entre as empresas, garantindo a conquista de clientes de seus concorrentes, ou apenas assegurando a participação no mercado. As barreiras que operam "para fora" são aquelas relacionadas com os gastos de vendas com implantação. Estes gastos são necessários para "se obter consumidores em número tal que possibilite não só recuperar os custos concretos de produção, mas também, gradativamente, as despesas com a implantação"<sup>9</sup>. Deve ser ressaltado ainda como características deste tipo de estrutura: a utilização de técnicas similares e produção de produtos diferenciados. As indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis, que apresentam elevada diferenciação, como cigarros, bebidas, laticínios,



se encontram em condições de oligopólio diferenciado.

Por sua vez, o oligopólio "misto" (concentração com diferenciação) caracteriza as indústrias de bens de consumo duráveis, especificamente os setores produtores de automóveis, televisões, geladeiras, rádios, etc.. Como o próprio nome sugere, esta estrutura apresenta características tanto do oligopólio concentrado como do oligopólio diferenciado. De um lado, apresenta elevada concentração em decorrência das descontinuidades de escala de produção, de outro, as empresas recorrem à diferenciação dos produtos, a fim de assegurar a participação do mercado. Segundo Conceição Tavares<sup>10</sup>, esta estrutura, assim como o oligopólio concentrado, apresenta capacidade ociosa planejada: "é indispensável levar em conta, para entender o movimento de expansão das grandes empresas, que elas crescem na frente da demanda, isto é, possuem capacidade ociosa planejada" .

Apesar de Labini ter elaborado esta tipologia das diversas estruturas oligopolistas, a sua análise de fixação de preços se vincula essencialmente com o oligopólio concentrado.

Tendo como base esta perspectiva, Labini distingue três preços básicos, que resultam em três estratégias distintas de expansão das grandes empresas. É necessário esclarecer, neste ponto, que o autor adotou uma hipótese que gerou uma controvérsia: "existe um número determinado de tecnologia, (...) se uma empresa nova quer entrar, ela deve adotar uma das

---

(10) TAVARES, Maria Conceição. Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil. Tese de livre docência, p.46.

tecnologias já difundidas"<sup>11</sup>. Por outro lado, admite que somente as grandes empresas podem fixar diretamente o preço, no entanto, as outras empresas podem influir variando a quantidade produzida.

O Preço de Exclusão é adotado quando as grandes empresas desejam impedir a entrada de novos concorrentes, fixam o preço num nível inferior ao que garanta o lucro mínimo às candidatas à entrada. Normalmente, esta estratégia é utilizada quando o mercado está em expansão. É conveniente salientar que este preço pode ser adotado, pois as descontinuidades tecnológicas permitem a existência de custos diferenciados.

Preço de Expulsão: é o preço fixado pelas grandes empresas em um nível inferior ao custo direto da empresa que se deseja expulsar do mercado. Uma estratégia deste tipo caracteriza uma postura agressiva por parte da grande empresa, visando a uma maior concentração no mercado.

Preço "Normal"<sup>12</sup>: "é o preço fixado em um nível imediatamente superior ao preço de exclusão das empresas menos eficientes, porque convém às empresas maiores e mais eficientes deixar que as outras continuem a existir"<sup>13</sup>. Este preço é

---

(11) LABINI, P.S. O.P.T. p.81

(12) "Preço Normal" não é uma denominação utilizada por Labini. O referido autor fala em tendência geral para caracterizar este nível de preço fixado pela grande empresa. No entanto, utilizou-se aqui esta denominação e introduziu-se dentro do contexto das estratégias de expansão da grande empresa, por considerarmos ser esta uma situação muito freqüente.

(13) LABINI, P.S. O.P.T. p.97

típico de uma situação "normal". Nestas condições, se revela claramente uma das características fundamentais desta forma de mercado, qual seja, a de que a taxa de lucro das grandes empresas são superiores à taxa mínima, sendo tal característica permanente e não eliminável.

De forma geral, portanto, as grandes empresas, ao fixarem os preços, levam em conta seus custos e sua margem de lucros, concomitantemente, preocupam-se com a reação de seus concorrentes e com a entrada de novas empresas. Diante desta confluência de fatores, depreende-se que a política de preços em mercados oligopolizados vincula-se à estratégia de expansão das grandes empresas.

Por último, deve ser ressaltado que Labini tenta estabelecer a vinculação entre o comportamento das grandes empresas e a estrutura do mercado. Sendo assim, os determinantes da estrutura (extensão absoluta do mercado, elasticidade da demanda e distribuição do volume de vendas entre as empresas de diferentes tipos) estão intimamente ligados aos elementos de determinantes dos preços (extensão absoluta do mercado, elasticidade da demanda, as diferentes tecnologias e os preços dos fatores variáveis e das máquinas).

Alguns autores, no entanto, caracterizam como estática a análise de Labini. "Em particular, em um contexto dinâmico, o exame da possibilidade de entrada de novas firmas na indústria, e de possíveis mudanças na estrutura desta, pressupõe (além daqueles elementos requeridos por uma abordagem estática - isto é, as curvas da indústria, a curva da demanda do mercado, a estrutura inicial da indústria e hipóteses sobre a reação dos produtores existentes à entrada de novos competidores) que se postulem hipóteses sobre a taxa de crescimento do

mercado e sobre a reação das firmas estabelecidas a tal crescimento"<sup>14</sup>.

### 1.3 Oligopólio no Ciclo Econômico

Os economistas identificaram ciclos econômicos com diferentes durações, desde aqueles vinculados às variações de estoques com duração de alguns meses, até os decorrentes de ondas de inovações que variam entre quarenta e cinquenta anos.

Para o nosso propósito, no entanto, o ciclo econômico relevante é o chamado ciclo de Juglar, que, em geral, dura entre oito e dez anos.

Conforme afirma Bresser Pereira, as causas de flutuação deste tipo de ciclo (exemplificando através da prosperidade): "Podemos distinguir três limites sucessivos para a fase de prosperidade: 1) o desequilíbrio entre a produção de bens de consumo e bens de produção; 2) a tendência ao consumo crescer mais lentamente que a produção; 3) a elevação dos salários decorrente de se alcançar o pleno emprego. No primeiro e no segundo casos há uma crise de realização, que resulta na queda da taxa de lucros e na redução dos investimentos. No terceiro caso, ocorre uma redução direta na taxa de acumulação"<sup>15</sup>. Mais

---

(14) GUIMARÃES, Eduardo Augusto. Acumulação e Crescimento da Firma. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, p.46.

(15) BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. O Desenvolvimento e os Lucros - A Tendência Declinante da Taxa de Lucros Reexaminada. Tese de Livre Docência, p.76 e p.79



adiante, acrescenta que, no século XX, com o advento da produção em massa de produtos de consumo de luxo "as flutuações na demanda e produção de bens de consumo tornam-se assim muito mais importantes. Agora, o desencadeamento de uma crise pode dever-se tanto a uma redução inicial do investimento, como uma redução original do consumo".

Diante dessas considerações, podemos distinguir quatro fases no ciclo econômico: prosperidade, estagnação, depressão e retomada. Nas diferentes fases do ciclo, o comportamento das grandes empresas será distinto quanto à evolução dos preços e margem de lucro.

Como já foi comentado no item anterior, os elementos determinantes do preço no oligopólio são: extensão do mercado, elasticidade da demanda, tecnologia e os preços dos fatores produtivos. Portanto, para avaliar a evolução dos preços oligopolistas no ciclo econômico, deve-se considerar as mudanças nesses elementos. Labini analisa, no entanto, apenas as variações nos preços dos fatores variáveis (que constituem a causa mais freqüente de variações de custo das empresas), as variações na técnica, que afetam a produtividade e as variações no custo fixo unitário, que, por sua vez, influenciam a produtividade.

De forma esquemática, pode ser visualizado no Quadro I, como nas diversas fases do ciclo estes elementos se comportam. E, no Quadro II, como variam os preços e a margem no ciclo.



TABELA I

ELEMENTOS IMPORTANTES NA DETERMINAÇÃO DO PREÇO NO CICLO

		TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE			
		DECRESCENTE	CRESCENTE		
CUSTO DO TRABALHO	AUMENTA	Estagnação	_____	AUMENTA	CUSTO FIXO UNITÁRIO
	DIMINUI	_____	Depressão		
	AUMENTA	Prosperidade	_____	DIMINUI	
	DIMINUI	_____	Retomada		

TABELA II

SITUAÇÕES POSSÍVEIS NO CICLO ECONÔMICO

	MARGEM AUMENTA	MARGEM DIMINUI
CUSTO DO TRABALHO AUMENTA	—	Oligopólio na Prosperidade Oligopólio na Estagnação
CUSTO DO TRABALHO DIMINUI	Oligopólio na Retomada Oligopólio na Depressão	—

Na fase da prosperidade, o custo de trabalho<sup>16</sup> aumenta, o custo fixo unitário diminui e a produtividade se encontra num nível alto, porém, decrescente. Nestas circunstâncias, as empresas líderes do oligopólio concentrado podem aumentar seus preços em proporções menores do que os aumentos dos custos diretos e, desta forma, a margem se reduzirá. O lucro líquido unitário poderá não diminuir, pois o custo fixo unitário estará se reduzindo em função do aumento da produção. No oligopólio diferenciado, a elevação de preço será mais moderada, o que implicará numa sensível redução de margem.

Na estagnação, os aumentos de preços no oligopólio concentrado e diferenciado tenderão a ser menores do que os aumentos nos custos, o que se refletirá numa redução de margem. Deve ser ressaltado, no entanto, que, nesta fase, as empresas deverão sofrer uma redução do lucro líquido, pois, além dos efeitos da redução na margem, o custo fixo unitário estará se elevando.

Diante da redução do custo de trabalho que ocorre na depressão e dos efeitos do elevado nível do custo fixo unitário, as empresas no oligopólio concentrado e diferenciado reduzirão seus preços menos que proporcionalmente à redução nos custos, o que redundará num aumento de margem.

Na retomada, os custos de trabalho apresentam-se ainda em queda. Os preços oligopolistas se reduzirão menos do que as variações de custo, em decorrência dos efeitos do alto

---

(16) Entre os itens que compõem o custo direto, Labini considerou somente o custo de trabalho, por ser este o item de maior importância.

nível de capacidade ociosa. Nesta fase, portanto, a margem se eleva.

Sumarizando suas colocações, Labini explica:

"... na presença de grandes variações dos custos diretos e, em particular do custo de trabalho, os preços tendem a variar no mesmo sentido, mas com flutuações de menor amplitude. Isso significa que a margem tende a se deslocar inversamente em relação aos custos diretos"<sup>17</sup>.

#### 1.4 Contribuições teóricas aplicadas à realidade dos países menos desenvolvidos

As "novas" proposições acerca da teoria de oligopólio apresentadas nos itens anteriores ensejaram o debate em torno da aplicação dessa teoria à realidade dos países menos desenvolvidos.

A argumentação, nestes estudos, parte de considerações sobre a especificidade do processo de oligopolização nas economias menos desenvolvidas. Nos países que se industrializaram tardiamente, a atividade industrial se instalou sob a égide do capitalismo monopolista. Aqui, a estrutura concentrada surge com o próprio desenvolvimento industrial. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, no entanto, a estrutura concentrada resulta de um longo processo competitivo que, paulatinamente, através das inovações e da elevação da produtividade, propiciou o surgimento das "grandes empresas".



Por outro lado,ressaltam que o processo de internacionalização do capital, que se desencadeou a partir da década de 50, se apresenta como um fator adicional na diferenciação da estrutura oligopolista dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Apesar do surgimento das empresas internacionais datar do século XVII, estas empresas se dedicaram, até meados do século XX, apenas às atividades voltadas ao comércio internacional. Segundo Bresser Pereira,"essas empresas internacionais dedicavam-se ao comércio, à exploração de matérias-primas, minerais e à produção de algumas culturas tropicais,como a banana e a seringueira, destinadas sempre à exportação. A produção industrial propriamente dita estava reservada para a metrópole"<sup>18</sup>. No entanto, a partir da Segunda Guerra Mundial, são estabelecidas as condições propícias ao processo de internacionalização da produção. Neste período, o avançado desenvolvimento da estrutura empresarial descentralizada, aliado às facilidades dos transportes e comunicações,permitiram o advento das chamadas multinacionais.

Diante dessas constatações históricas, coube a pergunta óbvia, mas especialmente singular: a estrutura oligopolista apresenta-se de forma particular nas economias menos desenvolvidas?

Merhav<sup>19</sup> analisou essa questão apontando alguns aspectos da "nova" teoria que, no seu ponto de vista, não poderiam ser aplicados à realidade dos países menos desenvolvidos.

---

(18) BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Economia Brasileira - Uma Introdução Crítica. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982, p.47.

(19) MERHAV, M. Dependencia Tecnologica, Monopolio y Crecimiento Buenos Aires, Ediciones Periferia, 1972.

Inicialmente, concorda com a proposição de Labini de que para um conjunto dado de preços de fatores e elasticidade da demanda, são a tecnologia e o tamanho do mercado que determinam a estrutura. Ressalta, no entanto, que não se pode aceitar a hipótese de que as empresas que pretendem entrar num determinado mercado tenham acesso ao mesmo tipo de tecnologia utilizada pelas empresas estabelecidas. Se a candidata à entrada for uma empresa multinacional, as empresas estabelecidas terão que fixar o preço de exclusão num nível abaixo daquele que prevaleceria sob a condição de "acesso ao mesmo tipo de tecnologia". Esta situação deriva do fato de que a multinacional têm acesso a uma tecnologia mais avançada que lhe permite obter custos médios mais baixos. Desta forma, ante a ameaça à entrada de multinacionais, o preço de exclusão deverá se reduzir, o que implicará numa taxa de lucro menor para as empresas estabelecidas.

Por outro lado, se as empresas dominantes no mercado são estrangeiras, a possibilidade de entrada de novas empresas, e conseqüente queda da taxa de lucro, induz à transferência de seus investimentos para outros países"<sup>20</sup>.

O desdobramento do argumento de Merhav suscitou o surgimento de um outro debate, este, agora, acerca da concentração. Segundo Merhav, as economias subdesenvolvidas tenderiam a apresentar estruturas oligopolistas mais concentradas

---

(20) Neste aspecto, Merhav não aceita o chamado mecanismo de reação oligopolista, no qual a entrada de uma determinada multinacional numa economia subdesenvolvida é seguida pela entrada de outras multinacionais, de forma a garantir uma parcela num mercado com potencial em expansão. E, ainda, parece não admitir que a estrutura oligopolista dificulte a mobilidade do capital.

do que nos países desenvolvidos em decorrência de duas ordens de fatores.

Em primeiro lugar, como foi explicitado, ante a possibilidade da entrada de uma empresa com acesso à tecnologia mais avançada, as empresas estabelecidas tenderiam a reduzir o preço de exclusão. Desta forma, "uma porção maior do mercado cairá nas mãos dos produtores mais eficientes, capazes de impedir essa entrada potencial, em virtude de seus custos mais baixos"<sup>21</sup>.

Em segundo lugar, a adoção pelos países subdesenvolvidos de tecnologias adaptadas às condições dos países desenvolvidos, de dotação de fatores e extensão do mercado, conduz à criação de estruturas oligopolistas, inclusive em setores que apresentam uma estrutura competitiva nos países desenvolvidos.

Para Fajnzylber<sup>22</sup>, no entanto, as empresas multinacionais, por já terem superado as barreiras em mercado de acesso mais difícil, não obstruem a entrada de novas subsidiárias nos países menos desenvolvidos. Por outro lado, salienta que "os gastos de vendas com implantação" não se constituem em barreira à entrada para estas empresas, pois elas dispõem de imenso volume de recursos. E ainda uma eventual tentativa de bloquear a entrada de novas subsidiárias poderia conduzir a ações de represálias a nível internacional. A conjugação destes fatores deve produzir uma estrutura menos concentrada em setores que apresentam características de oligopólio diferenciado e misto nos países menos desenvolvidos.

---

(21) MERHAV, M. D.T.M.C. p.115

(22) FAJNZYLBER, F. Estudos CEBRAP 19.

## CAPÍTULO II

### UMA COMPARAÇÃO ENTRE O COMPORTAMENTO DOS SETORES COMPETITIVO E OLIGOPOLIZADO NA CRISE

A partir de 1974, a economia brasileira atravessa um longo período de desaceleração econômica, que se estende até o final da década. Como demonstram os dados de desempenho da economia, a inflexão na trajetória do crescimento é bem nítida neste período. As taxas médias de crescimento do PIB, da ordem de 11,1% a.a. no período de 1968/1973, declinam para 7,0% a.a. no período de 1974/1980. Concomitantemente, a produção industrial passa de uma taxa média de crescimento de 12,8% a.a. para 7,5% a.a.. No biênio 1979/1980, o segundo choque do petróleo, a elevação das taxas de juros internacionais, aliados aos desacertos da política econômica, agravaram as tendências que se esboçavam desde meados da década.

No período anterior, entre os anos de 1968 e 1973, as dificuldades econômicas derivavam do sobreinvestimento das indústrias de bens de consumo em relação à capacidade de consumo das classes assalariadas. Nos termos das variáveis macroeconômicas, determinantes do produto, surgiam dificuldades pelo lado da demanda de bens de consumo duráveis e não duráveis. Deve ser acrescentado ainda que a expansão acelerada da indústria de bens de consumo requeria, em paralelo, um considerável aumento na produção do setor de bens de capital e insumos básicos. No entanto, estes setores não foram capazes de atender



satisfatoriamente os requerimentos do setor de bens de consumo, já que certos segmentos do setor de bens de capital e insumos básicos apresentavam estrangulamento na produção. Em consequência desta situação, foi necessário elevar as importações de bens de capital e intermediários, o que impactou negativamente na balança comercial.

É importante salientar que, apesar do declínio que se observa no período 74/79, as taxas de crescimento se situaram ao nível da taxa histórica de crescimento do país. Os investimentos públicos que são realizados sob a égide do II PND permitem, em parte, atenuar os efeitos da redução dos investimentos privados, garantindo, desta forma, a manutenção do crescimento histórico. Sem dúvida, "as inversões do setor produtivo estatal assumiram caráter estabilizador na conjuntura de desaceleração"<sup>23</sup>, no entanto, para viabilizá-las foi necessário recorrer ao financiamento externo, o que produziu efeitos perversos sobre a economia brasileira, com a deflagração da crise financeira internacional no final da década.

Segundo Davidoff<sup>24</sup>, "a insuficiência de recursos para fechar o Balanço de Pagamentos reflete não só a deterioração em geral das condições do crédito internacio-

---

(23) COUTINHO, Luciano e REICHSTUL, Henri Phillippe. Investimento Estatal 1974-1980: Ciclo e Crise in Desenvolvimento Capitalista no Brasil nº 2. Editora Brasiliense, 1973, p.40.

(24) DAVIDOFF, Paulo. Dívida Externa e Política Econômica. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984, p.24.

nal ocorrida no período, como, principalmente, a pressão exercida pelos credores externos contra a política econômica "heterodoxa" posta em prática pelo governo brasileiro desde meados de 1979 e considerada agravadora dos desequilíbrios externos. Como consequência, o fechamento das contas externas só pode ser realizado mediante a queima de reservas internacionais e mediante a contratação de empréstimos de curto prazo e de custos ainda mais elevados do que aqueles prevalecentes no mercado internacional".

Desta forma, além dos choques externos, a política econômica implementada conduziu o país a uma situação de extrema dificuldade. Foi diante deste contexto que os bancos internacionais pressionaram as autoridades governamentais no sentido de promover um ajuste recessivo, com o intuito de reestabelecer o equilíbrio do balanço de pagamentos.

Portanto, já ao final do ano de 1980, o governo implementa uma política claramente recessiva visando, com a queda do nível de atividade conter as importações e a inflação. Entre os instrumentos de política econômica utilizados, destacam-se: a liberação das taxas de juros, a elevação da carga tributária e a contenção dos gastos públicos, a limitação ao crédito interno, o corte dos subsídios e a atenuação do controle de preços.

Como consequência, o país enfrenta, no período 1981/1983, a mais profunda e generalizada retração no nível de atividade econômica ensejando graves seqüelas sociais.

O PIB registrou taxa média de -1,3 a.a. no período, o que equivale a uma queda acumulada de -3,9%. A produção industrial declinou, em média, -4,0% a.a., e, em termos acumulados, -14,4%. E se considerarmos apenas o comportamento da indústria de transformação, que representa 89,0% do total da indústria, verificamos que a retração foi ainda maior: 5,5% a.a. em média e 15,4% em termos acumulados. Como resultado desta drástica contração, ao final de 1983, o nível de produção da indústria de transformação se equiparava ao nível da produção de 1978 (vide Tabela III).

Esta situação é especialmente dramática, pois, à medida em que a produção declinava, a população economicamente ativa crescia a taxas próximas de 3,0% a.a.<sup>25</sup>. Aliado ao fato de que os que ingressavam no mercado de trabalho não encontravam colocação, aqueles que estavam empregados foram, em larga escala, despedidos. Como demonstram os indicadores do emprego na indústria de transformação, o emprego declinou em média -7,0% a.a e em termos acumulados -19,7%.

Sem dúvida, a recessão afetou, indistintamente, os vários setores da economia. No entanto, esta constata-

---

(25) O dado disponível, no momento, indica que no período 1970/1979 a população economicamente ativa cresceu a uma taxa média de 3,2% a.a.. O conceito de população economicamente ativa desse período inclui os empregados, os desempregados e procurando trabalho pela primeira vez.

TABELA III

ÍNDICE DE PRODUÇÃO E EMPREGO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

Ano	Índice de Produção Ind. Transformação	Índice de Emprego Ind. Transformação
1976	79,9	91,4
1977	80,7	92,3
1978	86,8	94,2
1979	92,9	96,6
1980	100,0	100,0
1981	90,1	92,6
1982	90,2	86,8
1983	84,6	80,4

Fonte: I.B.G.E.



ção genérica dissimula o comportamento das partes que constituem o todo. Na realidade, certos segmentos do organismo produtivo são capazes de proteger suas margens de lucro, diante da redução na demanda. Em contrapartida, há setores que não conseguem manter seus preços e lucros, quando ocorre um declínio de vendas. Como afirmam Bresser e Nakano, "...Para manter a taxa de lucro (lucro sobre o capital), as empresas do setor oligopolista tenderão a aumentar suas margens de lucro nos períodos de recessão. Dessa forma, a queda nas vendas é compensada pelo aumento da margem, buscando-se manter o volume de lucro e a taxa de lucro". E ainda mais adiante, "...ramos competitivos da indústria onde o mecanismo de formação de preços é bastante diferente do setor oligopolizado. (...) preços relativamente flexíveis e nestas condições quando existe uma queda na demanda reagem reduzindo os seus preços"<sup>26</sup>.

Esse desempenho diferenciado decorre das diferentes formas de organização dos mercados. O primeiro grupo aqui referido apresenta o comportamento de setores que se organizam sob a forma de oligopólios e o segundo grupo representa os mercados competitivos constituídos, a grosso modo, por empresas atomizadas.

Neste capítulo, pretendemos avaliar alguns aspectos relevantes do desempenho da indústria de transformação ao longo da crise do período 1981/1983. Subjacente a esta avaliação do "todo", nossa análise privilegiará o comportamento das "partes" constituídas pelos setores competitivos e oligopolizados.

---

(26) Ver BRESSER PEREIRA, L.C. e NAKANO, Yoshiaki. Inflação e Recessão, p.61 e p.148.

## 2.1 Considerações Metodológicas

A exemplo do que é feito na grande maioria dos estudos sobre a indústria, utilizamos os dados divulgados pela Fundação I.B.G.E., através da Pesquisa Industrial Mensal. Esta pesquisa possibilita avaliar, ao nível de agregação de gêneros da indústria, o desempenho dos indicadores de produção física, de pessoal ocupado na produção, de salário médio nominal, de valor da produção nominal e de energia elétrica consumida. Complementarmente, fornece o indicador de produção física, segundo a classificação de categoria de uso. Conforme esclarece o I.B.G.E., os informantes que compõem o painel da pesquisa apresentam, segundo o Censo Industrial de 1970, as seguintes coberturas por variável: produção física 57,8%; pessoal ocupado 33%; salário 42%; valor da produção 50%; e energia elétrica 60%.

Deve ser salientado que, devido à proximidade do período em estudo, as estatísticas disponíveis não são suficientemente pormenorizadas, a fim de se averiguar com rigor o comportamento das margens de lucro ao longo da crise. Neste sentido, os dados consolidados neste estudo devem ser vistos como indícios da evolução recente desta variável.

Os indicadores utilizados permitem avaliar apenas os segmentos industriais em termos de gêneros da indústria. Este nível de agregação apresenta uma série de dificuldades para realizar uma criteriosa distinção entre setores competitivos e oligopolizados. No entanto, estas dificuldades forma, em parte, superadas através da utilização dos resultados de pesquisas empíricas sobre o assunto<sup>27</sup>.

---

(27) Ver TAVARES, M.C. Estrutura Industrial e Empresas Líderes; FIGUEIREDO, Orlando. Estrutura de Mercado e Desempenho na Indústria Brasileira de Bens de Consumo; FAJNZYLBER, Fernando. Sistema Industrial e Exportação de Manufaturados. HOLANDA, S.B. Estrutura Industrial no Brasil: Concentração e Diversificação.

A utilização dos gêneros da indústria como unidade de referência, n o e n t a n t o, apresenta vantagens em termos de similaridade de classificação. Assim sendo, esta divisão permite relacionar os dados de preços e de utilização da capacidade instalada divulgados pela Fundação Getúlio Vargas com os indicadores de produção, emprego e salários do I.B.G.E..

Outra fonte de informação utilizada foi a publicação Balanço Anual da Gazeta Mercantil, que apresenta indicadores financeiros dos vários segmentos da economia. Com base nos dados contábeis extraídos dos balanços das empresas, pode-se verificar como a rentabilidade dos setores industriais evoluiu ao longo do período em análise. As médias setoriais apresentadas são calculadas com base em uma amostra de 7000 empresas, o que representa um universo abrangente dos vários segmentos produtivos.

Deve ser ressaltado que os critérios utilizados pela Gazeta Mercantil para a elaboração dos indicadores financeiros minimizam os efeitos conjunturais que incidem sobre estes indicadores. Conforme esclarece esta publicação, são feitos alguns expurgos nas contas de Lucro e do Patrimônio Líquido que são as contas mais afetadas por fatores que não estão vinculados ao desempenho operacional das empresas. Desconsidera-se, nestas contas, "os efeitos inflacionários, as variações monetárias ou cambiais ativas ou passivas, os saldos devedores ou credores da correção do ba-

lanço e as equivalências patrimoniais, entre outros<sup>28</sup>.

Utiliza-se, aqui, o conceito de Lucro Disponível que resulta da conta da Receita Líquida, dos Custos, Despesas Operacionais, Outras Receitas e Despesas Operacionais e as Receitas e Despesas Não Operacionais. Em consequência, "graças a esse critério, o desempenho das empresas fica imune a divergentes interpretações provocadas por valores meramente escriturais - como saldos da correção monetária do balanço, resultados de ajustes de investimentos em coligadas e controladas e reversões de provisões para esses ajustes, assim como quaisquer outras contas que não implicam modificações da posição financeira"<sup>29</sup>. O conceito de Patrimônio Líquido Real exprime a verdadeira situação patrimonial, pois leva em conta os bens, os direitos e as obrigações da companhia, assim como as rendas e as despesas a apropriar.

Neste trabalho, os vários gêneros da indústria foram classificados e posteriormente agrupados em dois grandes grupos: Competitivo e Oligopolizado. Cada variável em estudo correspondente aos diversos gêneros da indústria foi ponderado pela sua respectiva participação dentro da indústria de transformação. Desta forma, foi possível obter as variações agregadas dos diversos indicadores referentes aos dois grupos. No apêndice estão discriminados os gêneros que compõem cada grupo com suas respectivas ponderações.

Por último, convém nomear os indicadores que utilizamos na análise desenvolvida neste capítulo. Dos dados divulgados pelo I.B.G.E., utilizou-se os indicadores da produção física, do emprego e foram calculados com base nas estatísticas o salário médio real e a produtividade do pessoal ocupado. Dos dados publicados pela F.G.V., analisou-se o comportamento dos preços industriais e da utilização da capacidade instalada. Este último dado foi retirado da Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação. Da publicação Balanço Anual utilizou-se os indicadores financeiros: Lucro sobre Receita Operacional Líquida e Lucro sobre Patrimônio Líquido Real.

---

(28) Balanço Anual. Editora Jornalística Gazeta Mercantil S/A Rio de Janeiro, 1981, p.97.

(29) Balanço Anual. Editora Jornalística Gazeta Mercantil S/A Rio de Janeiro, 1980, p.70.



## 2.2 Produção Industrial

O período em análise, 1979/1983, pode ser dividido em duas fases. A primeira fase, que abrange o biênio 79/80, caracteriza a fase de crescimento, que, como foi mencionado anteriormente, apresenta taxas de expansão próximas ao padrão histórico. A segunda fase, que se estende por três anos, 81/83, marca o período de crise, em que ocorre uma generalizada retração no nível de atividade econômica. Ao distinguir estas duas fases, pretende-se detectar as diferenças nos padrões de comportamento dos setores competitivos e oligopolizados em conjunturas distintas.

Na Tabela IV.1 apresentamos, segundo os gêneros da indústria, as taxas de crescimento anual da produção física e as taxas médias de crescimento nos dois períodos considerados em nossa análise. Pode ser observado que, dentre os gêneros mais importantes da indústria de transformação, os gêneros Metalurgia, Mecânica, Papel e Papelão, Farmacêutica e Produtos de Matérias Plásticas apresentaram as taxas de crescimento mais elevadas no biênio 79/80. Estes segmentos industriais vinculam-se primordialmente aos setores de Bens de Produção e Bens de Consumo Duráveis, fato este que se reflete nas taxas de crescimento na Tabela IV.2, onde se aponta o desempenho segundo a categoria de uso<sup>30</sup>. A liderança do crescimento no período coube ao setor de Bens de Consumo Duráveis, 9,1% a.a., seguido do setor de Bens Intermediários que apresentou crescimento médio de 8,7% a.a..

---

(30) O indicador de Bens de Capital engloba parte dos gêneros Mecânica, Material de Transporte e Material Elétrico. Os Bens Intermediários agregam os gêneros: Minerais Não Metálicos, Metalurgia, Papel, Borracha e Matérias Plásticas. Nos Bens de Consumo Duráveis considera-se parte do Material de Transporte, Material Elétrico e Mecânica. E os Bens de Consumo Não Duráveis incluem: Produtos Alimentares, Têxtil, Vestuário/Calçados/Artefatos Têxteis, Fumo, Bebidas, Produtos Farmacêuticos e Perfumaria/Sabões/Velas. Deve ser salientado que quando nos referimos aos Bens de Produção, estamos considerando as categorias de Bens de Capital e Bens Intermediários.

TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA, SEGUNDO

GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

( EM % )

GÊNEROS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Minerais Não Metálicos	5,6	6,6	-6,1	-3,2	-15,1	6,1	-8,3
Metalurgia	10,6	12,0	-15,2	-0,5	-2,8	11,3	-6,4
Mecânica	7,2	15,4	-16,2	-15,4	-12,2	11,2	-14,6
Material Elétrico e de Com.	7,7	5,2	-16,0	-3,5	-8,0	6,5	-9,3
Material de Transporte	5,3	2,0	-27,6	8,6	-18,2	3,6	-13,7
Papel e Papelão	12,7	8,2	-8,7	5,5	4,3	10,4	0,2
Borracha	6,7	9,4	-12,0	-3,0	-4,8	8,1	-6,7
Química	8,0	4,9	-8,8	3,0	-0,6	6,5	-2,3
Farmacêutica	7,4	11,4	4,9	-2,3	-7,1	9,4	-1,6
Perfumaria, Sabões e Velas	12,5	9,7	1,2	-2,6	3,3	11,1	0,6
Produtos Matéria Plástica	4,6	12,8	-23,0	11,1	-12,3	8,6	-9,1
Têxtil	5,9	7,3	-7,2	4,7	-10,3	6,6	-4,5
Vestuário, Calças, Art. Tecidos	4,1	6,2	-0,2	5,0	-10,4	5,2	-2,1
Produtos Alimentares	2,6	7,2	-0,2	2,8	4,4	4,9	2,3
Bebidas	3,9	3,1	-6,4	-5,6	-4,8	3,5	-5,6
Fumo	4,1	-0,9	1,2	-1,2	0,1	1,6	0,1
Total	6,5	7,7	-9,8	0,5	-6,6	7,1	-5,4

Fonte: Indicadores Conjunturais da Indústria - F.I.B.G.E

TABELA IV.2

TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA, SEGUNDOCATEGORIAS DE USO DOS BENS

(EM %)

	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Bens de Capital	5,6	6,6	-19,0	-10,8	-20,2	6,1	-16,8
Bens Intermediários	9,2	8,3	-10,6	0,4	-3,0	8,7	-4,5
Bens de Consumo	5,1	6,0	-6,4	2,7	-5,0	5,5	-3,0
Duráveis	7,5	10,7	-26,3	8,0	-4,0	9,1	-8,6
Não Duráveis	4,7	5,2	-2,9	1,8	-5,2	4,9	-2,1

Fonte: Indicadores Conjunturais da Indústria - F.I.B.G.E.

As taxas de crescimento da produção, ao nível de gêneros da indústria, apresentam uma grande amplitude de variação, entre 11,3% a.a. da Matéria Plástica a 1,6% a.a. do Fumo. No entanto, quando estes dados são agregados em termos de grupo competitivo e oligopolizado, o resultado se mostra revelador.

Constata-se que na fase de crescimento a produção nos dois grupos cresceu a taxas semelhantes: 6,9% a.a. no Grupo Oligopolizado e 7,5% no Grupo Competitivo (vide Tabela IV.3). Este fato indica que o Grupo Oligopolizado conseguiu manter o crescimento da produção em níveis compatíveis com o crescimento do emprego e dos salários, que é o ritmo que caracteriza o padrão de crescimento do Grupo Competitivo. Os investimentos estatais no setor de Bens de Produção devem ter contribuído para a manutenção da taxa de crescimento do Grupo Oligopolizado frente ao Competitivo, pois seria de se esperar uma redução mais acentuada neste setor (Bens de Produção), em consequência do declínio dos investimentos privados, o que se refletiria numa menor taxa de crescimento do Grupo Oligopolizado. Como assinalam Coutinho e Reichtul<sup>31</sup>, os cortes significativos nos investimentos do setor estatal foram realizados apenas no segundo semestre de 1980. Esta fase do ciclo econômico apresentaria, num percurso natural, como uma de suas características, a redução do investimento, o que se refletiria numa menor taxa de crescimento do setor oligopolizado, já que parcela importante deste segmento se vincula à produção de bens de capital. No entanto, o Estado consegue adiar o advento da crise atuando como mantenedor do patamar de crescimento.

---

(31) COUTINHO, Luciano e REICHTUL, Henri P. Investimento Estatal 1974/1980: Ciclo e Crise in Desenvolvimento Capitalista no Brasil nº 2, Editora Brasiliense, São Paulo, 1983, p.40.



TABELA IV.3  
TAXAS DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO FÍSICA, SEGUNDO  
GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO  
( EM % )

GRUPOS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
GRUPO COMPETITIVO	6,1	8,8	-7,1	2,4	-2,5	7,5	-2,5
GRUPO OLIGOPOLIZADO	6,9	6,9	-12,4	-1,0	-7,7	6,9	-7,2

Fonte: Dados Primários: Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE

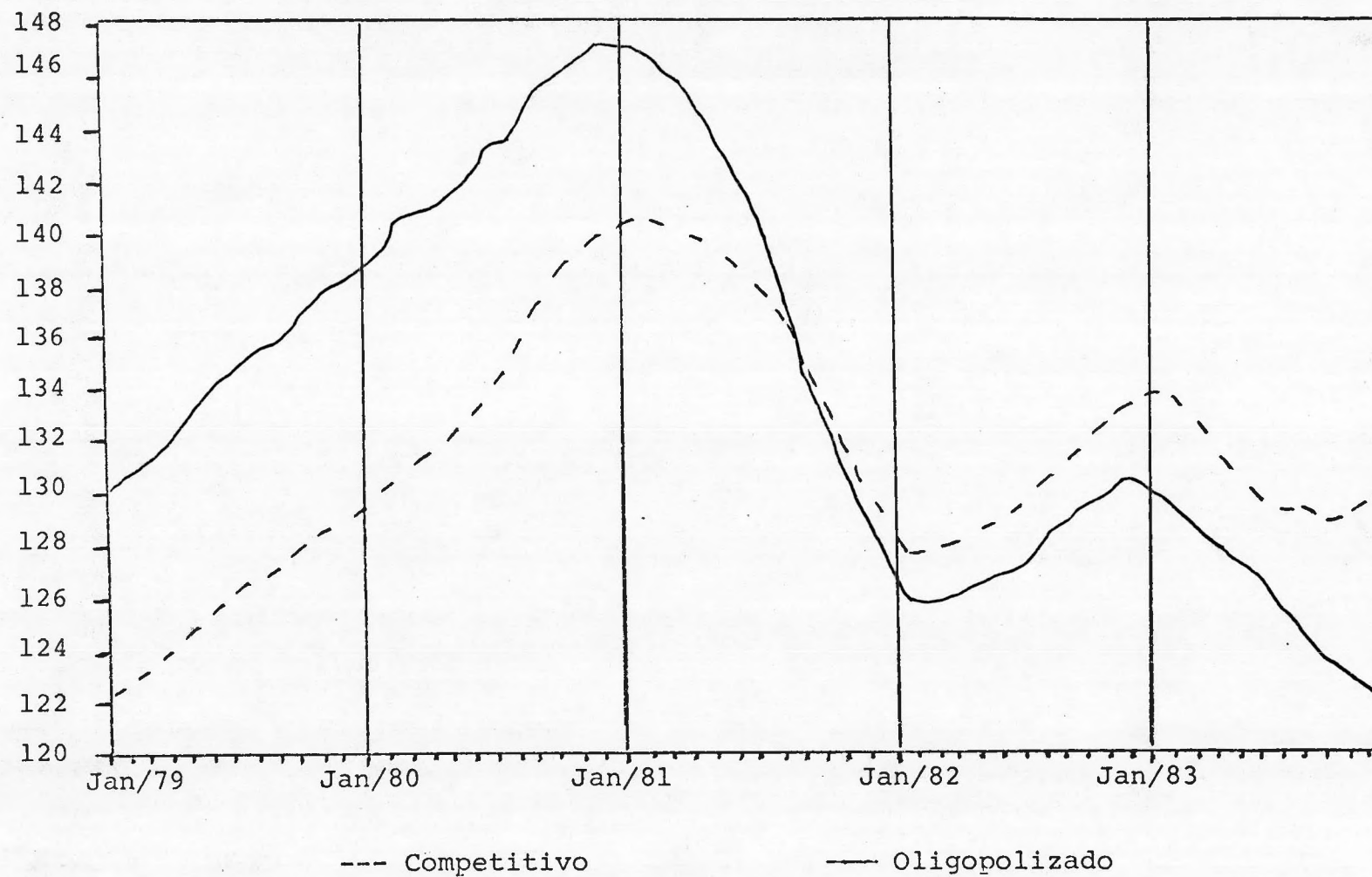
Elaboração: Ver anexo.

No período da recente crise, 1981/83, a produção industrial se contrai significativamente como reflexo da redução na demanda e da drástica queda nos investimentos. Os gêneros da indústria de transformação que registraram as maiores taxas médias de redução na produção foram: Mecânica -14,6%a.a.; Material Elétrico e de Comunicações -9,3%a.a. e Material de Transporte -13,7% a.a. e em termos acumulados a queda atingiu -37,7%, -25,4% e -35,7%, respectivamente. Como pode ser observado na Tabela IV.2, foram justamente as categorias de Bens de Capital e Bens de Consumo Duráveis que se vinculam aos gêneros citados acima que apresentaram as maiores taxas médias de contração na produção.

O setor de Bens de Capital apresenta um comportamento peculiar ao longo do ciclo econômico. Na fase da recuperação é o último a apresentar sinais de crescimento, pois os demais setores crescem utilizando a capacidade ociosa sem demandar, portanto, bens de investimento, o que retarda o crescimento da produção deste setor. Em contrapartida, na recessão é o primeiro a ser atingido pois como reflexo da redução dos investimentos e da demanda por máquinas e equipamentos, o setor de Bens de Capital contrai significativamente seu nível de produção na crise. Como se constata através dos dados, no período 1981/83, a produção deste setor apresentou uma queda acumulada de 42,4%, registrando o pior desempenho entre as várias categorias industriais.

O setor de Bens de Consumo Duráveis, por sua vez, declinou no período -23,6% e em média -8,6%a.a. A di

GRÁFICO I  
PRODUÇÃO INDUSTRIAL  
Média Móvel Anual



nâmica deste setor vincula-se primordialmente ao comportamento dos salários da classe média e com o sistema de crédito ao consumidor. Os efeitos das limitações impostas nos prazos de crédito ao consumidor e a elevação das taxas de juros combinados com as limitações dos reajustes semestrais para os que recebem até vinte salários mínimos e a elevação da carga tributária contribuíram para a redução da demanda deste setor. Em consequência, este setor contrai seu nível de produção.

Os grupos competitivo e oligopolizado apresentaram um padrão de comportamento diverso daquele observado no período antecedente à crise. Enquanto naquela fase os dois grupos apresentaram taxas de crescimento similares, na crise, a produção no oligopólio se contrai mais vigorosamente do que no grupo competitivo; no primeiro grupo, a produção declinou em média -7,2% a.a. e no segundo grupo, caiu 2,5% a.a. .

Como pode ser visualizado no Gráfico I, no período 79/80, a produção do setor oligopolizado encontrava-se num patamar superior ao do setor competitivo. Nesta fase a produção cresce a taxas semelhantes nos dois segmentos industriais, como pode ser constatado pela trajetória quase que paralela das duas curvas de produção.

A partir de 1981, a produção do setor oligopolista apresenta uma redução mais acentuada do que a do segmento competitivo, o que leva, em meados de 1981, o setor oligopolista a apresentar um nível de produção infe-



rior ao da indústria competitiva. Esta situação permanece até o final de 1983.

Os índices de capacidade ociosa do setor industrial também auxiliam na constatação da vertiginosa redução do nível de atividade alcançada por estes setores no período. O setor oligopolizado passa de um nível mínimo de ociosidade de 13,6% no primeiro e segundo trimestres de 1980, para um nível máximo de 30,3% no quarto trimestre de 1983. O setor competitivo, por sua vez, alcança um ponto mínimo de 14,5% no segundo trimestre de 1980 e um ponto máximo de 24,0% no quarto trimestre de 1983.

Os dados de produção e ociosidade demonstram que as variações no nível de atividade do grupo oligopolizado ao longo do período em análise foram mais acentuadas do que as variações da produção do grupo competitivo. Isto significa dizer que o grupo oligopolizado com elevado volume de capital fixo investido na produção enfrentará numa conjuntura recessiva uma significativa elevação dos custos fixos unitários. A pressão de custo advinda da elevação dos custos fixos unitários aliada ao poder de mercado inerente às estruturas oligopolistas deverão levar o segmento oligopolizado, durante a crise, a reajustar seus preços acima do nível de reajustes do setor competitivo.

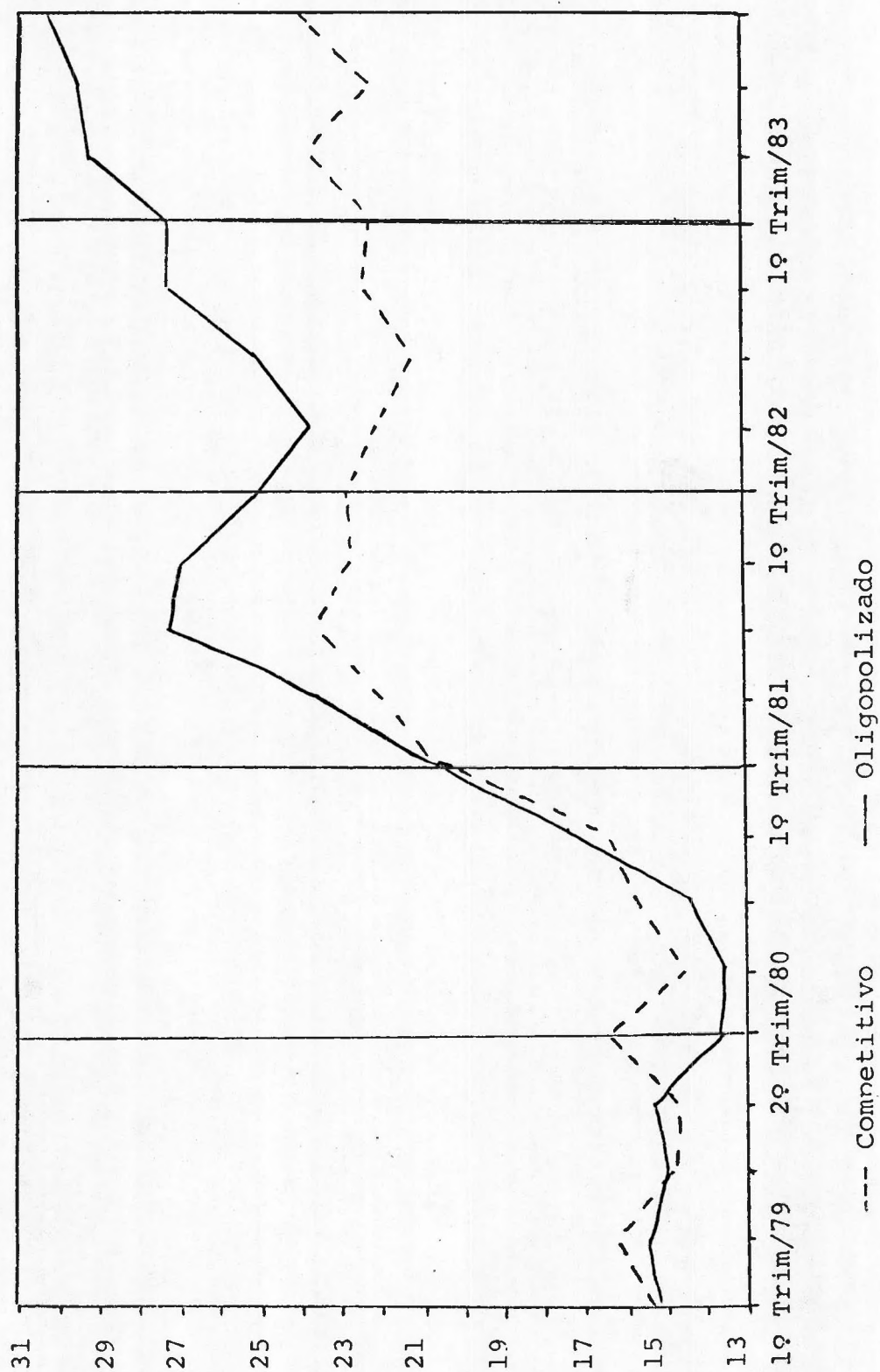
TABELA IV.4  
NÍVEL DE CAPACIDADE OCIOSA, SEGUNDO  
GRUPOS DA INDÚSTRIA  
( EM % )

GRUPOS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Grupo Competitivo	15	16	22	22	23	16	23
Grupo Oligopolizado	15	15	25	25	29	15	26

Fonte: Dados Primários - Fundação Getúlio Vargas - Conjuntura Econômica

Elaboração: Ver anexo.

GRÁFICO II  
CAPACIDADE OCIOSA



### 2.3 Emprego Industrial

No biênio 79/80 a taxa média de crescimento do emprego na indústria de transformação se situa próxima ao nível de crescimento da população economicamente ativa , o que dificulta a incorporação da mão-de-obra desempregada . Esta situação é agravada no período posterior com o emprego declinando -7,3% a.a..

No período de crescimento os gêneros da indústria que registraram as maiores taxas médias de crescimento do emprego foram: Mecânica 7,5% a.a., Material de Transporte 6,0% a.a., Papel e Papelão 6,0% a.a. e Produtos de Matéria Plástica 5,5% a.a.. No extremo oposto, os gêneros Farmacêutica, Fumo e Bebidas apresentaram declínio no emprego de 1,1%a.a., -1,6% a.a. e -1,1%a.a., respectivamente.

Como pode ser observado na Tabela V.1, os diversos gêneros industriais apresentam ritmos muito distintos de absorção de mão-de-obra no período. Poderíamos supor que a diferenciação nas taxas de crescimento de emprego dos diversos setores poderia estar associada apenas aos diferentes ritmos de crescimento da produção, o que implicaria em maiores taxas de crescimento do emprego associadas às maiores taxas de crescimento da produção e menor crescimento do emprego a menor produção. Se assim fosse, teríamos um ordenamento semelhante entre as Tabelas IV.1 e V.1, que estabelecem os crescimentos da produção e do emprego nos diversos gêneros industriais. Na realidade, ou-



tros fatores, além do ritmo da produção, afetam o comportamento do emprego. As diferenças organizacionais e tecnológicas colaboram para imprimir ritmos distintos na absorção da mão-de-obra, assim como as variações na produtividade também ajudam a explicar a discrepância das taxas de crescimento do emprego entre os ramos industriais vis a vis o nível de produção.

Dentro deste contexto, podemos verificar como evoluiu o crescimento do emprego e da produção dos gêneros com relação às respectivas médias da indústria de transformação. Inicialmente, constata-se que, no biênio 79/80, os gêneros industriais Borracha, Perfumaria/Sabões/Velas e Farmacêutica apresentaram, comparativamente à média industrial, acelerado crescimento da produção, combinado com lento aumento do emprego. Por outro lado, os gêneros: Material Elétrico, Material de Transporte, Vestuário/Calçados/Artefatos Têxteis apresentaram a produção crescendo abaixo da média, enquanto o emprego crescia a níveis superiores à média. Os demais gêneros industriais apresentaram um ordenamento do emprego compatível com o comportamento da produção.

É razoável supor que na fase de desaceleração econômica, as empresas não se sintam motivadas a realizar mudanças tecnológicas. Nesse sentido, os efeitos da modernização sobre o emprego não devem ter sido significativos, não se constituindo portanto num fator explicativo da dispersão das taxas de crescimento do emprego.

TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO, SEGUNDO

GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

( EM % )

GÊNEROS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Minerais Não Metálicos	-0,8	2,5	-7,5	-6,5	-12,6	0,8	-8,9
Metalurgia	3,1	2,1	-8,8	-10,9	-9,7	2,6	-9,8
Mecânica	3,6	11,5	-7,1	-17,9	-16,1	7,5	-13,8
Material Elétrico e Comunic.	5,2	3,6	-12,6	-9,6	-11,6	4,4	-11,3
Material de Transporte	6,2	5,8	-12,4	-10,7	-3,9	6,0	-9,1
Papel e Papelão	7,0	5,0	-7,2	-5,6	-6,5	6,0	-6,4
Borracha	-0,5	3,8	-12,5	-11,0	-3,3	1,6	-9,0
Química	0,2	5,1	-3,9	-7,0	-6,2	2,6	-5,7
Farmacêutica	0,6	-2,8	-2,2	-2,7	-6,2	-1,1	-3,7
Perfumaria, Sabões e Velas	0,5	2,0	-4,1	2,1	-7,5	1,2	-3,3
Prod. Matérias Plásticas	6,2	4,7	-12,8	-4,8	-6,7	5,5	-8,1
Têxtil	1,5	0,4	-11,0	-6,1	-10,9	0,9	-9,4
Vestuário, Calç., Art. Tecido	3,6	4,3	-2,3	0,1	-2,7	3,9	-1,6
Produtos Alimentares	2,1	2,7	-1,5	-1,1	1,1	2,4	-0,5
Bebidas	3,1	-5,1	-2,3	-7,0	-3,3	-1,1	-4,2
Fumo	7,2	-9,7	-7,1	-0,9	-7,8	-1,6	-5,3
Total	2,7	3,2	-7,3	-6,9	-7,5	3,0	-7,3

Fonte: Indicadores Conjunturais da Indústria - F.I.B.G.E.

Os setores competitivos e oligopolizados registraram no período, crescimento do emprego de 2,2a.a. e 3,8a.a, respectivamente. É importante ressaltar que a produção do oligopólio cresceu menos do que a do setor competitivo, enquanto o nível de emprego apresentou o comportamento inverso. Isto significa que a produtividade no setor oligopolista apresentou uma evolução menos favorável do que a do setor competitivo, no biênio 79/80. O setor competitivo registrou uma taxa de crescimento da produtividade de 10,5% enquanto o setor oligopolista cresceu a um ritmo menos intenso de 6,1%.

Na crise, os gêneros da indústria que registraram as maiores reduções no nível de emprego foram: Mecânica -13,8%, Material Elétrico e de Comunicações -11,3%, Metalurgia -9,8%. Comparativamente às médias industriais, estes três gêneros apresentaram, concomitantemente, significativas reduções no nível de produção e emprego. Deve ser ressaltado neste aspecto que a quase totalidade dos gêneros industriais apresentou um ordenamento do emprego compatível com a evolução da produção. Os Gêneros Bebidas e Têxtil apresentaram, no entanto, um padrão de comportamento distinto daquele da maioria. No primeiro, a produção declinou mais do que a média da indústria, em contrapartida o emprego declina menos do que a média industrial. O gênero Têxtil apresentou a produção declinando menos do que a média, enquanto o emprego declinava mais do que a média.

TABELA V.2

TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO, SEGUNDO

GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

( EM % )

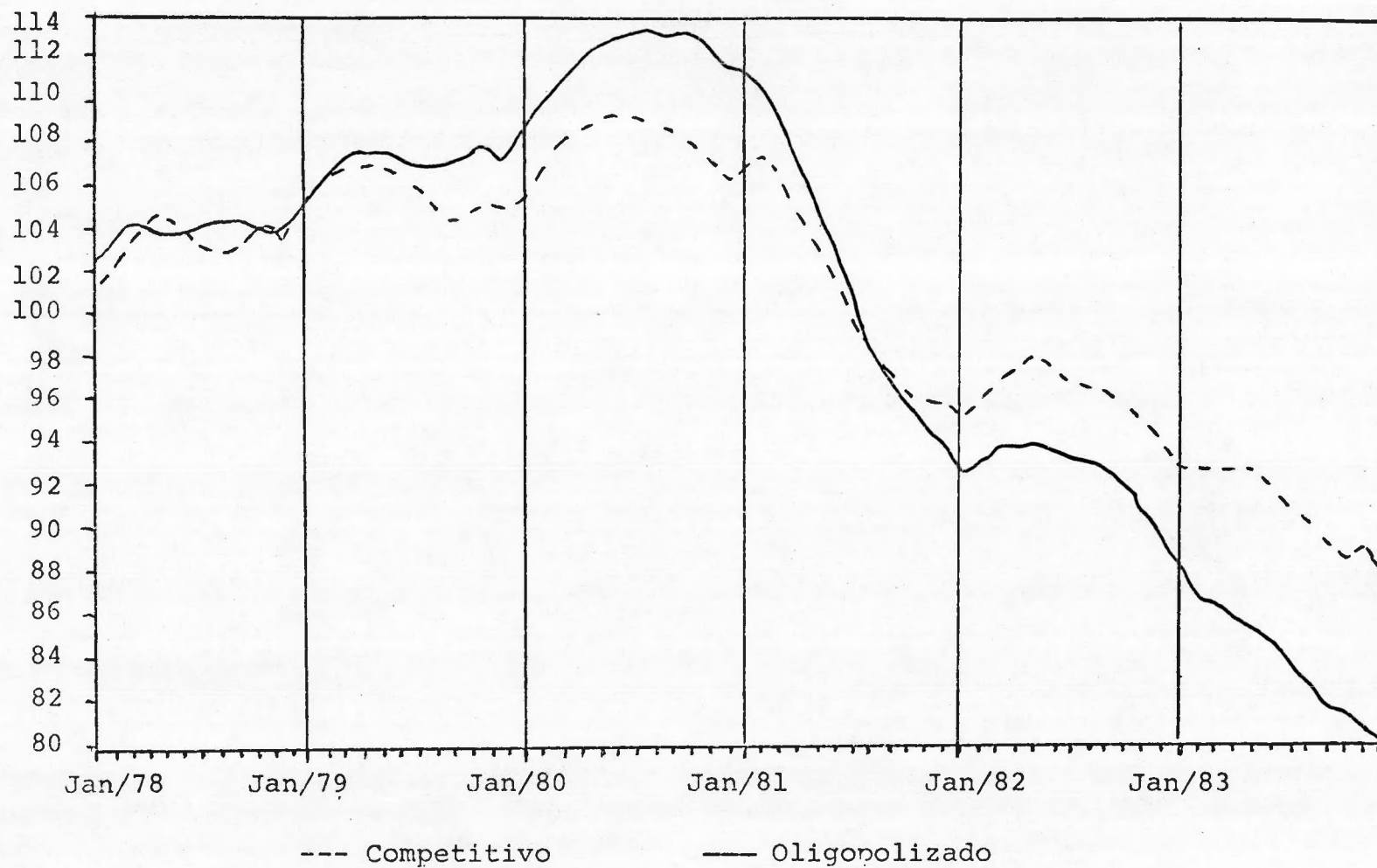
GRUPOS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Grupo Competitivo	2,4	2,1	-6,3	-4,7	-5,4	2,2	-5,5
Grupo Oligopolizado	3,1	4,5	-8,5	-9,5	-9,4	3,8	-9,1

Fonte: Dados Primários - Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE

Elaboração: Ver anexo .



GRÁFICO III  
EMPREGO INDUSTRIAL  
Base Fixa



Os grupos competitivo e oligopolizado apresentaram na crise uma redução no emprego de -5,5% e 9,1%, respectivamente. Aqui, uma maior retração na produção está associada a uma maior queda no emprego. Neste período, o setor oligopolista apresentou um crescimento da produtividade de 6,8% inferior ao crescimento de 10,0% do setor competitivo. A taxa média de crescimento da produtividade do setor oligopolizado durante a crise foi inferior ao da fase de crescimento, passando de 3,0% para 2,2% a.a.. Paralelamente o setor competitivo apresenta uma queda na taxa de crescimento da produtividade, passando de 5,1% a.a. para 3,2% a.a..

As evidências empíricas apresentadas nesta seção e na anterior acerca do desempenho do setor oligopolista durante a recessão coadunam-se com a Teoria do Oligopólio descrita no Capítulo I, no que tange a elevação do custo fixo unitário e do crescimento da produtividade. Resta averiguar o comportamento dos salários e preços a fim de obter subsídios para detectar o comportamento das margens de lucro. Estes dados revelam que o setor oligopolista desempregou menos do que o setor competitivo para cada ponto percentual de queda na produção. Este fato indica que o setor oligopolista apresenta uma estrutura produtiva mais rígida, o que torna mais difícil compatibilizar seu nível de produção e emprego.

TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE, SEGUNDO

GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

( EM % )

GÊNEROS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Minerais Não Metálicos	6,4	3,9	1,7	3,3	-2,7	5,2	0,7
Metalurgia	7,3	9,7	-7,1	-11,7	7,8	8,5	3,8
Mecânica	3,3	3,5	-9,6	3,0	4,9	3,4	-0,8
Material Elétrico e Com	2,5	1,4	-3,4	6,2	4,5	2,0	2,3
Material de Transporte	-0,8	-3,6	-17,4	21,6	-14,6	-2,2	-5,0
Papel e Papelão	5,3	3,0	-1,4	11,5	11,7	4,2	7,1
Borracha	7,3	5,5	0,5	9,0	-1,5	6,4	2,6
Química	7,7	-0,1	-4,8	10,4	6,2	3,7	3,7
Farmacêutica	6,8	14,8	7,3	0,4	-1,0	10,7	2,2
Perf.,Sabões e Velas	12,0	7,7	5,6	-4,5	11,9	9,8	4,1
Matéria Plástica	-1,5	7,7	-11,5	16,3	-5,9	3,0	-1,1
Têxtil	4,2	6,9	4,2	11,4	0,9	5,6	5,4
Vest.,Calç.,Art.Tecido	0,7	1,7	2,4	4,7	-7,8	1,2	-0,4
Prod. Alimentares	0,4	4,3	1,5	4,0	3,4	2,3	2,9
Bebidas	0,7	9,0	-4,5	1,4	-1,6	4,8	-1,6
Fumo	-2,9	14,4	5,6	1,5	3,5	5,4	3,5
Total	3,7	4,3	-2,5	7,8	1,2	4,1	2,1

Fonte : Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE - Diversos Números

Elaboração: Vide anexo .

TABELA V.4  
TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE, SEGUNDO  
GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO  
 (EM %)

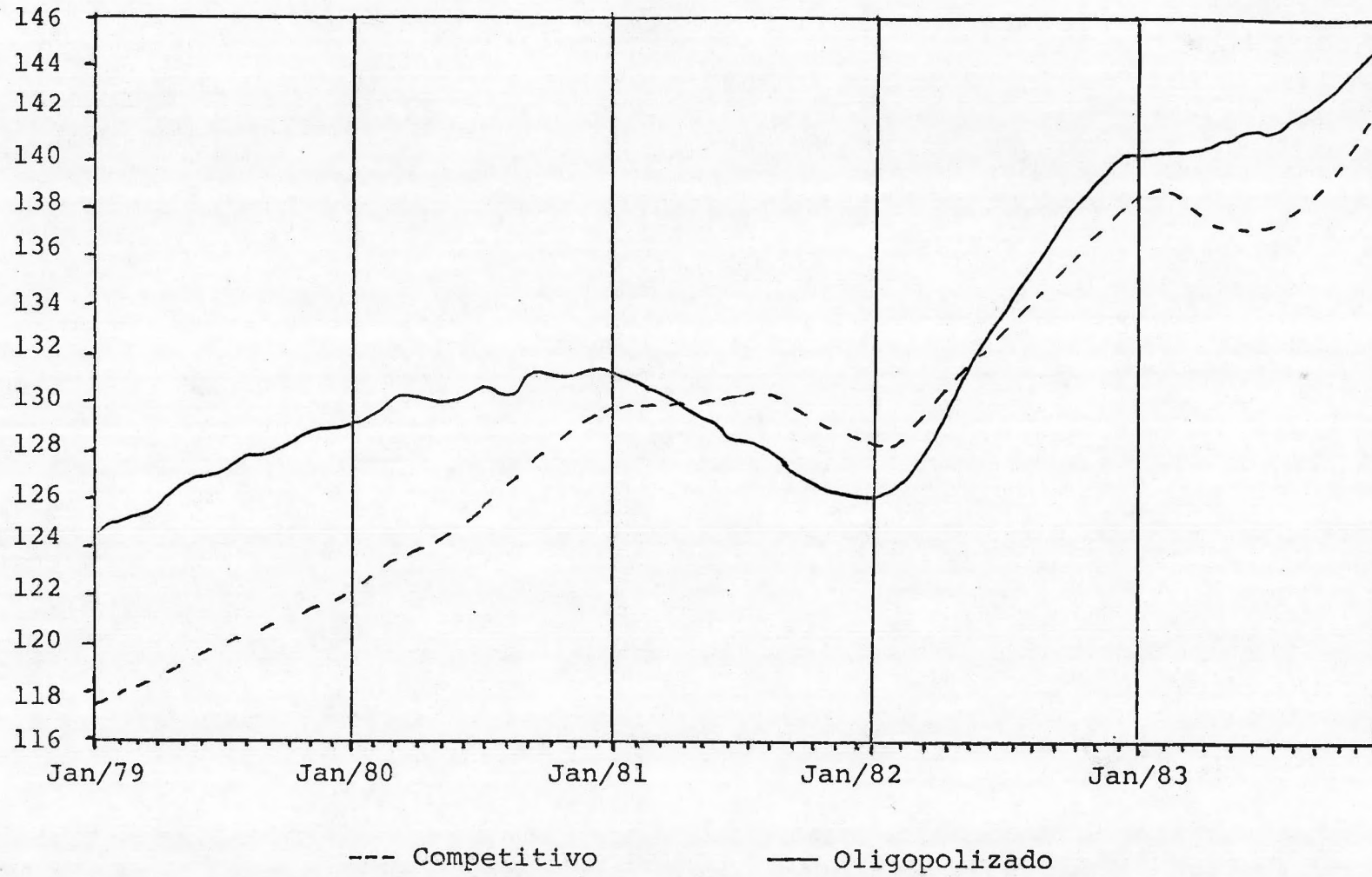
Grupos	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Competitivo	3,7	6,5	(0,7)	7,3	3,3	5,1	3,2
Oligopolizado	3,7	2,3	(4,0)	9,1	2,0	3,0	2,2

Fonte: Dados Primários - Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE

Elaboração: ver anexo.



PRODUTIVIDADE  
Média Móvel Anual



## 2.4 Salários e Coeficiente Salário/Produtividade

Neste item analisamos a evolução do salário médio e a relação salário médio real/produtividade. Para efeito desta análise, os salários médios nominais dos diversos gêneros industriais foram deflacionados pelos índices de preços correspondentes, publicados pela F.G.V..

O deflacionamento dos dados seguiu as especificações descritas abaixo:

Gêneros	<u>Deflatores</u> <u>Colunas da Conjuntura Econômica</u>
Minerais Ñ Metálicos	29
Metalurgia	30
Mecânica	33
Material Elétrico	37
Material Transporte	41
Papel e Papelão	49
Borracha	50
Matéria Plástica	56
Perfum./Sabões/Velas	54
Produtos Alimentares	70
Bebidas	65
Fumo	69
Têxtil	60/61
Vest./Calços./Art.Tec.	62/63/64
Química	53/55/57
Farmacêutica	58

Os salários médios reais obtidos através do deflacionamento dos salários médios nominais pelos índi-

ces de preços dos gêneros industriais permite avaliar como variou o custo da mão-de-obra referido às variações de preços da produção do setor.

Relacionando-se os dados do salário real e da produtividade, podem ser averiguadas as variações nas margens disponíveis para acumulação nos diversos gêneros industriais. Conforme assinalam Bonelli e alli<sup>32</sup>, "uma forma de examinar a evolução dos salários consiste em cotejar as variações nos salários médios de cada gênero industrial, deflacionadas pelo índice de preços do ramo, com as variações de produtividade respectivas. É fácil verificar que a evolução da série salário real/produtividade assim construída constitui um indicador aproximado de como variam, no período em tela, as margens disponíveis para acumulação nos diversos gêneros industriais. Com efeito, se os acréscimos de produto por pessoa ocupada em determinado ramo são superiores aos aumentos observados nos níveis de salários a preços constantes respectivos, verifica-se um aumento relativo - isto é, em relação a períodos anteriores - no excedente bruto gerado pelo ramo por unidade de produto".

---

(32) BONELLI, R. e ALLI. Crescimento Industrial no Brasil. Incentivos e Desempenho Recente, I.P.E.A. Coleções Relatórios de Pesquisa 26, p.181.

TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO REAL, SEGUNDO

GÊNEROS DA INDÚSTRIA

( EM % )

Gêneros	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Minerais Não Metálicos	8,0	-2,3	-11,7	1,7	-5,2	2,7	-5,6
Metalurgia	7,4	6,5	16,6	19,7	6,2	7,0	14,2
Mecânica	4,6	-0,5	-9,1	6,9	-4,6	2,0	-2,2
Material Elétrico	2,4	-2,6	0,0	11,1	0,7	-0,1	3,0
Material de Transporte	6,4	11,5	-5,1	5,3	0,4	8,9	-3,9
Papel e Papelão	4,9	0,3	4,8	2,5	-7,7	2,6	0,4
Borracha	27,6	-6,0	-14,0	-1,5	0,7	9,5	-5,8
Química	2,1	-26,7	-0,4	4,2	-14,7	-13,5	-0,6
Matéria Plástica	11,4	-14,3	-8,8	4,0	-11,4	-2,3	-5,0
Têxtil	10,2	1,1	20,0	1,9	-5,7	5,5	5,9
Vest., Calç., Art. Tecidos	8,1	30,2	20,3	2,5	13,8	18,6	13,7
Produtos Alimentares	-5,4	-1,7	6,0	-2,8	-16,2	-3,6	-3,0
Bebidas	1,6	7,2	-13,3	1,9	-0,1	4,3	-6,3
Fumo	-13,0	38,4	-10,7	9,9	2,4	9,7	-5,0
Perf., Sabões e Velas	10,9	-5,3	-7,2	10,4	0,8	2,4	-5,4
Farmacêutica	1,6	-8,6	-10,0	14,4	-2,5	-3,6	-1,1
Total	3,8	-2,2	0,5	4,4	-7,7	0,7	-1,1

Fonte: Indicadores Conjunturais da Indústria (FIBGE) e Conjuntura Econômica (FGV) - Diversos N°'s.

Elaboração: Ver anexo .



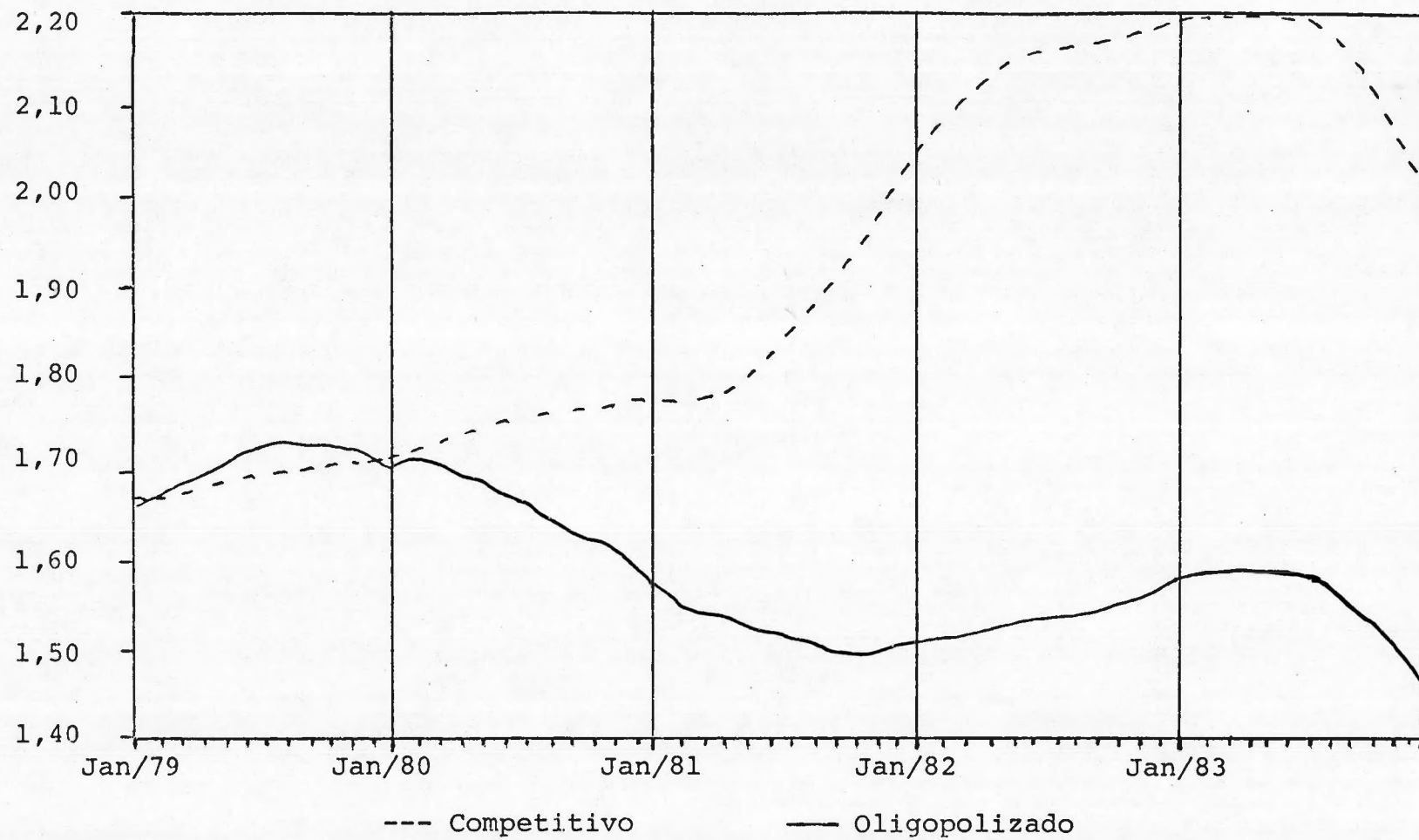
TABELA VI.2  
TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO REAL,  
SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO  
 (EM %)

Grupos	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Competitivo	3,0	3,8	13,5	8,1	(8,3)	3,4	4,0
Oligopolizado	3,9	(7,1)	(5,5)	4,5	(6,2)	(1,7)	(2,5)

Fonte: Dados Primários - Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE

Elaboração: ver anexo.

## Média Móvel Anual - Índices Setoriais



É importante salientar ainda que o excedente total gerado num determinado ramo é função não só do excedente gerado por unidade de produto (expresso pela relação salário real /produtividade), como também depende do volume total produzido.

Ao longo do período de análise, 1979 a 1983, o nível de ociosidade da indústria aumenta de 16% para 27%. É razoável supor que nos setores competitivos tenha ocorrido uma redução no excedente global que foi tanto maior quanto mais intensa foi a redução nos níveis de utilização da capacidade instalada. Nos setores oligopolistas, no entanto, deve-se observar que a redução nos níveis de utilização da capacidade instalada vem acompanhada de uma elevação de margens, o que corrobora para a manutenção ou aumento do excedente global.

Analisando a evolução dos salários (Tabela VI) constata-se que, no biênio 1979/80, os maiores aumentos do salário médio real concentram-se nos gêneros Vestuário / Calçados/Artefatos e Papel/Papelão, o que pode ser explicado basicamente, no primeiro, pelas menores variações de preços no período, enquanto no segundo deve, primordialmente, aos maiores aumentos no salário médio nominal. No extremo oposto, os gêneros Química e Produtos Alimentares apresentaram as maiores reduções no salário médio real devido aos maiores aumentos de preços destes setores.

Na crise, a quase totalidade dos gêneros indus-

triais registrou declínio no salário médio real<sup>33</sup>. Como reflexo da generalizada redução do nível de emprego que impactou negativamente no salário médio nominal. O gênero Vestuário/Calçados/Artefatos Tecidos registrou aumento no salário médio real em função dos baixos níveis de preços registrados neste período.

No biênio 79/80, o setor competitivo apresentou crescimento do salário médio real de 6,9%, enquanto o setor oligopolizado registrou declínio de 3,5%. No primeiro grupo, a elevação do custo da mão de obra decorreu do fato de que o salário médio nominal cresceu mais , 206,2%, do que a elevação dos preços praticados pelo setor, 185,9%. O setor oligopolizado além de ter tido um crescimento nominal dos salários menor do que a do setor competitivo, reajustou seus preços num nível superior ao do setor competitivo. A conjugação desses dois fatores ocasionou a redução no custo da mão de obra do setor oligopolizado.

---

(33) Deve ser visto com cautela a evolução do salário médio nominal durante a crise. Conforme esclarece o I.B.G.E., este indicador incorpora todos os itens que compõem a folha de pagamento, inclusive aqueles vinculados à dispensa de funcionários (avisos prévios, indenizações, etc). Portanto, o salário médio real do pessoal efetivamente ocupado deve ter declinado com mais intensidade. Uma análise que visasse a determinar o poder de compra dos salários industriais estaria prejudicada pela inclusão dos itens mencionados. Para efeito de nossa análise, é importante que estes itens estejam incluídos no indicador, pois estamos avaliando a relação existente entre o custo da mão-de-obra e o excedente gerado.



TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO REAL/PRODUTIVIDADE

SEGUNDO GÊNEROS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

( EM % )

GÊNEROS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Minerais Não Metálicos	1,6	-5,7	-13,5	-2,5	-2,7	-2,1	-6,4
Metalurgia	0,5	-2,9	25,5	8,3	-1,3	-1,2	10,3
Mecânica	1,7	-3,5	0,4	6,2	-9,7	-0,9	-1,3
Material Elétrico e de Comun.	0,3	-3,8	3,6	2,7	-3,3	-1,8	0,9
Material de Transporte	7,7	16,9	13,8	-23,5	17,4	12,2	0,7
Papel e Papelão	-0,2	-2,7	6,2	-5,8	-17,2	-1,5	-6,1
Borracha	18,9	-10,3	-14,5	-11,6	3,2	3,3	-8,0
Química	-5,0	-26,7	4,5	5,3	-17,0	-16,6	-3,0
Farmacêutica	-4,3	-21,0	-16,6	8,8	-0,6	-13,0	-3,4
Perfumaria, Sabões e Velas	-0,6	-12,2	-11,7	-5,3	-9,7	-6,6	-8,9
Matéria Plástica	13,5	-20,6	2,7	-7,7	-6,5	-5,0	-4,0
Têxtil	6,8	-6,1	15,1	-5,2	-7,5	0,1	0,3
Vestuário, Calç., Art. Tecidos	7,6	28,2	16,9	3,4	22,5	17,4	14,0
Produtos Alimentares	-5,5	-5,4	4,2	-0,7	-17,2	-5,4	-5,0
Bebidas	1,1	-0,9	-10,1	-6,1	1,3	0,1	-5,1
Fumo	-10,3	20,2	-14,6	-8,3	-1,8	3,9	-8,4
Total	0,2	-6,2	2,8	-2,8	-8,2	-3,0	-2,8

Fonte: Indicadores Conjunturais da Indústria (FIBGE) e Conjuntura Econômica (FGV) - Diversos N.º's

Elaboração: Ver anexo.

TABELA VI.4  
TAXA DE CRESCIMENTO DA RELAÇÃO SALÁRIO REAL/PRODUTIVIDADE  
SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

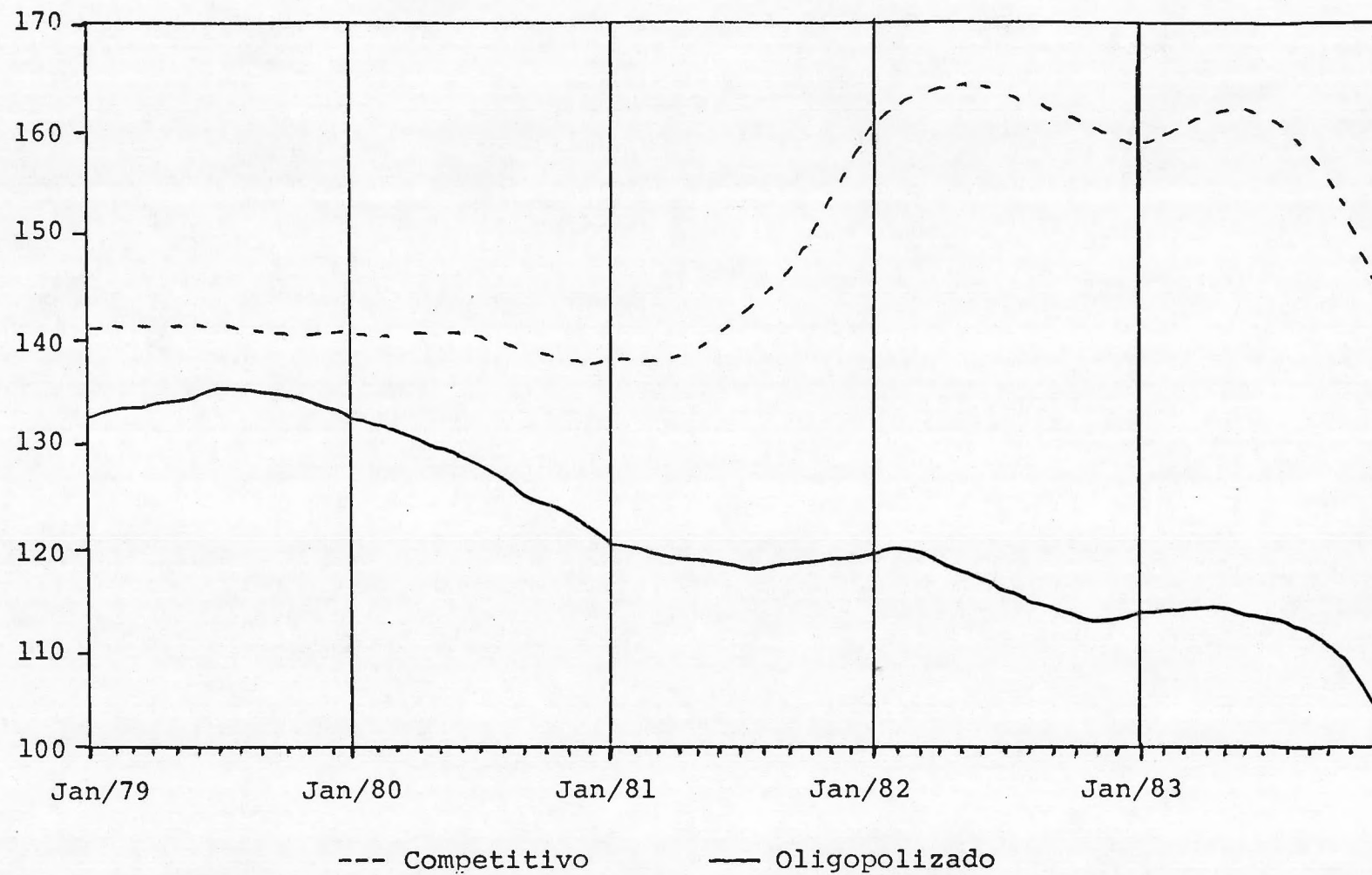
(EM %)

Grupos	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Competitivo	(0,4)	(2,5)	13,9	1,3	(10,5)	(1,5)	1,1
Oligopolizado	0,4	(9,0)	(1,8)	(3,9)	(7,6)	(4,4)	(4,5)

Fonte: Dados Primários - Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE

Elaboração: ver anexo.

Média Móvel Anual



Durante a crise, o custo da mão de obra cresceu 12,5% para o setor competitivo e declinou 7,3% para o segmento oligopolizado. Nesta fase, apesar do salário nominal do segundo grupo ter aumentado mais do que do primeiro grupo, a elevação de preços do oligopólio foi bem mais acentuada do que a do setor competitivo.

A redução no custo da mão de obra do oligopólio na crise foi em média de 2,5% a.a., enquanto no período anterior foi de 1,7% a.a.. O aumento do desemprego, as mudanças restritivas da política salarial, além da elevação dos preços do setor condicionaram a queda no custo da mão de obra no oligopólio:

Inversamente no setor competitivo ocorreu uma elevação média no custo da mão de obra de 3,4% a.a. no biênio 1979/80 e de 4,0% a.a. na recessão. Aqui apesar da redução no emprego e restrições salariais, os reajustes de preços do setor não foram capazes de compensar a elevação nominal dos salários.

Resta analisar o comportamento da relação salário/ produtividade, que revelará quais os setores que elevaram ou reduziram as margens disponíveis para acumulação. No biênio 79/80, a maioria dos gêneros da indústria, aumentou sua margens disponíveis para acumulação. No período posterior, os ramos Metalurgia e Vestuário/Calç./Art.Tec. registraram um expressivo crescimento da relação salário/produtividade, o que significa redução na margem para a acumulação.



Na fase de expansão, ambos os setores registraram um aumento na margem de acumulação que se expressa no decréscimo do coeficiente salário médio real/produtividade de -1,5% a.a. no setor competitivo e de -4,4% a.a. no oligopólio. No primeiro grupo este resultado deriva de uma elevação da produtividade maior do que a do salário médio real, enquanto no oligopólio além de ter crescido a produtividade, o salário médio real decresceu.

Na recessão, o setor competitivo registra um aumento médio de 1,1% a.a. na relação salário médio real/produtividade, o que indica uma redução na margem para acumulação. Apesar de ter ocorrido um aumento da produtividade, o salário médio real cresceu mais intensamente, conduzindo uma elevação desse coeficiente. Em contrapartida, no oligopólio, esta relação registra um declínio médio de -4,5% a.a. mais elevado, portanto, do que na fase de crescimento -4,4%. Dessa forma, os dados indicam que ocorreu uma elevação das margens para acumulação no oligopólio na recessão comparativamente à fase de crescimento e também do oligopólio comparativamente ao setor competitivo na recessão.

Esses indicadores confirmam os ditames da teoria do oligopólio. Frente a uma conjuntura recessiva quando ocorre queda da demanda, os setores oligopolizados conseguem reajustar seus preços num nível que compense a redução de vendas e, desta forma, mantêm ou até elevam suas margens de lucro.

## 2.5 Preços Industriais

A inflação alcançou uma elevação acumulada de 208,2% no período de 79/80, ou seja, a inflação média anual foi de 75,6%. No período posterior a inflação elevou-se, acumulando em três anos uma variação de 944,1%, sendo que, a média anual passou para 118,6%. Na fase de crescimento, os choques externos advindos da elevação das taxas de juros internacionais e a alta dos preços do petróleo, além da maxidesvalorização do final de 1979 contribuíram para a elevação da inflação média de 53,9% em 1979 para 100,2% em 1980. No período recessivo, no entanto, são fatores internos que explicam a aceleração da inflação. A política cambial agressiva, tendo o governo realizado uma maxidesvalorização de 30% em fevereiro de 1983, a redução do crédito aliada à elevação das taxas de juros, a quebra da safra agrícola em 1983 e a própria questão abordada neste trabalho: a elevação dos preços dos produtos do setor oligopolista num ritmo mais intenso do que a do setor competitivo numa conjuntura recessiva.

Como afirmam Bresser e Nakano: "Mais precisamente serão fatores aceleradores da inflação, em uma economia fechada: (1) o aumento dos salários médios reais acima do aumento da produtividade e/ou (2) um aumento das margens de lucro sobre a venda das empresas. Em uma economia aberta para o exterior, dois fatores adicionais deverão ser considerados: (3) as desvalorizações reais da moeda e (4) o aumento do custo dos bens importados. Se considerarmos no modelo o Estado temos mais um fator acelerador da

inflação: (5) o aumento dos impostos". E ainda, "(...) Para manter a taxa de lucro (lucro sobre capital), as empresas do setor oligopolista tenderão a aumentar suas margens de lucro nos períodos de recessão. Dessa forma, a queda nas vendas é compensada pelo aumento da margem, buscando-se manter o volume de lucro e a taxa de lucro".

O gráfico VII ilustra o comportamento dos preços dos setores competitivo e oligopolista. Até 1979, os preços do setor competitivo, ora são mais favoráveis do que do setor oligopolista, ora são menos favoráveis. A partir de 1980, o setor oligopolista passa a ter uma relação de preços mais favorável, ampliando consideravelmente o diferencial de preços entre os dois setores. É razoável supor que os setores dependentes de insumos importados e/ou endividados externamente tenham sofrido uma pressão de custo mais intensa do que os demais segmentos produtivos, em função da maxidesvalorização do final de 1979 e da elevação de preços do petróleo. Desta forma, há indícios de que a relação a favor dos preços do oligopólio em 1980 deva estar refletindo mais uma pressão de custo advinda do encarecimento dos produtos importados do que uma elevação "autônoma de preços".

Em 1981, o diferencial de preços amplia-se mais ainda em favor do setor oligopolista, mantendo-se a diferença até meados de 1983. Aqui, pode ser argumentado que o declínio das vendas no oligopólio foi compensado com maiores reajustes de preços, por outro lado, o setor competitivo não é capaz de elevar os seus preços na mesma intensidade, o que

TAXA MÉDIA DE INFLAÇÃO, SEGUNDO

GÊNEROS DA INDÚSTRIA

( EM % )

GÊNEROS	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Minerais Não Metálicos	47,2	101,2	140,0	113,9	129,4	72,1	127,5
Metalurgia	50,3	83,4	89,0	84,5	107,0	66,0	93,2
Mecânica	43,8	84,6	140,9	96,4	136,0	62,9	123,5
Material Elétrico e de Comun.	52,3	95,9	121,7	101,8	130,7	72,7	117,7
Material de Transporte	42,4	74,2	143,3	124,6	121,4	57,5	129,6
Papel e Papelão	53,5	93,7	106,7	107,7	141,1	72,4	117,9
Borracha	39,3	92,5	156,4	131,5	132,6	63,8	139,9
Química	65,6	158,1	122,2	90,5	171,1	106,7	125,6
Farmacêutica	49,9	119,4	155,4	100,4	152,0	81,3	134,5
Perfumaria, Sabões e Velas	42,3	88,5	142,0	130,8	139,2	63,8	137,3
Matéria Plástica	41,9	110,1	124,8	110,6	151,4	72,7	128,3
Têxtil	45,1	92,3	80,2	104,0	130,1	67,1	103,8
Vestuário, Calç., Art. Tecidos	43,2	44,6	76,7	99,0	89,9	43,9	88,3
Produtos Alimentares	64,5	90,6	99,5	109,0	177,3	77,0	126,1
Bebidas	45,0	86,9	139,0	122,5	126,1	64,7	129,1
Fumo	58,9	67,3	148,5	135,5	123,4	63,1	135,6
Total	51,8	96,7	116,0	104,1	142,5	72,8	120,3

Fonte : Conjuntura Econômica - FGV - Diversos Números



TABELA VII.2

TAXA MÉDIA DE INFLAÇÃO, SEGUNDO

GRUPOS DA INDÚSTRIA

( EM % )

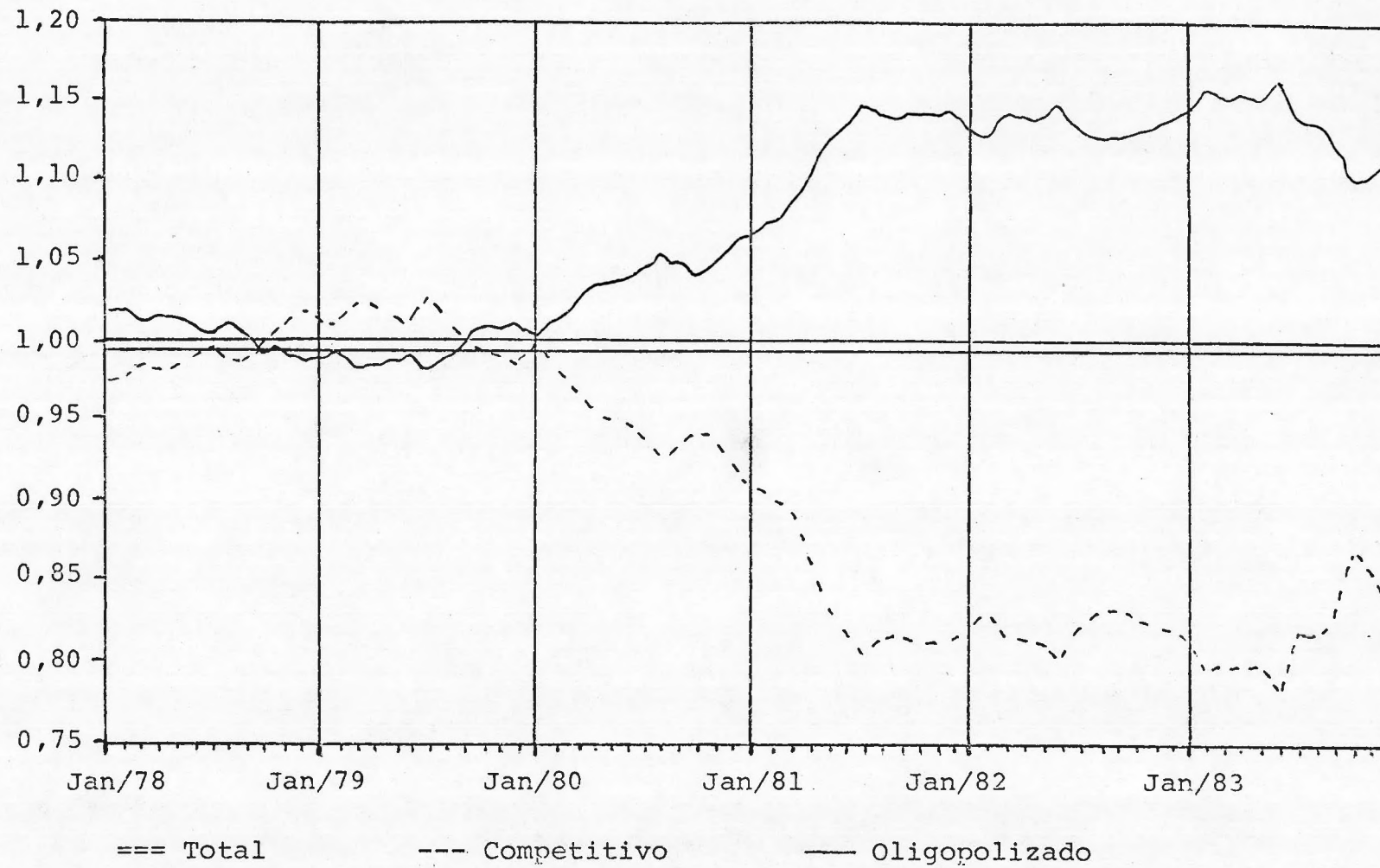
Grupos	1979	1980	1981	1982	1983	Média 1979/80	Média 1981/83
Grupo Competitivo	54,0	85,3	90,7	100,5	143,7	68,9	110,4
Grupo Oligopolizado	50,2	105,5	133,5	106,1	141,8	75,7	126,6

Fonte: Dados Primários - Indicadores Conjunturais da Indústria - FIBGE

Elaboração: Ver anexo .

# PREÇOS RELATIVOS

Índice



conduz a uma deterioração dos preços relativos do setor.

A partir de meados de 1983, o preço relativo do setor oligopolista declina em relação ao do setor competitivo, apesar de manter-se num patamar superior. Os gêneros industriais Alimentício, Têxtil e Vestuário/Calçados que fazem parte do agregado industrial competitivo e que utilizam insumos de origem agrícola, sofreram uma pressão de custo com a quebra da safra e intensa elevação de preços agrícolas<sup>34</sup>.

No cômputo geral, no biênio 79/80, a inflação registrou uma elevação média de 208,2% contra uma inflação setorial do segmento competitivo de 185,3% e do setor oligopolista de 208,7%. A elevação de preços do setor competitivo ficou -7,4% abaixo da inflação oficial, enquanto a variação dos preços do setor oligopolista se situou praticamente no mesmo nível da inflação. Na recessão, para uma inflação de 944,1%, tivemos 831,5% para o competitivo e 1.063,8% para o oligopólio. Aqui o setor competitivo ficou -10,8% abaixo da inflação e o setor oligopolista ficou 11,5% acima da inflação.

Os dados revelam, portanto, que, ao contrário do setor competitivo, o setor oligopolista foi capaz de reajustar seus preços durante a crise acima do nível médio de inflação.

---

(34) Não há condições de se afirmar categoricamente que a elevação de custos tenha sido totalmente transferida para os preços da indústria competitiva. Em 1983, este setor apresentou crescimento da produtividade, o que pode ter contribuído para compensar ainda que parcialmente o impacto da elevação de custos sobre os preços. Por outro lado, a conjuntura recessiva pode ter dificultado para a indústria competitiva a transferência da elevação de custos para os preços.

## 2.6 Indicadores Financeiros

Utilizando-se os indicadores financeiros: Lucro sobre Receita Operacional e Lucro sobre Patrimônio Líquido, podemos verificar se efetivamente ocorreu uma deterioração na rentabilidade dos setores competitivos frente aos setores oligopolizados.

As Tabelas VIII.1 e VIII.2 são reveladoras a este respeito. O grupo competitivo apresenta uma contínua queda na rentabilidade no período, passando de uma rentabilidade sobre a receita de 12,2 em 1980 para -3,9 em 1983. A rentabilidade média no período de crise, 4,6, é sensivelmente mais baixa do que a obtida por esse grupo em 1980. A rentabilidade sobre o patrimônio seguiu a mesma tendência, registrando, no entanto, uma queda mais acentuada, passando de 24,8 em 1980 para -5,3 em 1983.

Como era de se esperar, o grupo oligopolizado apresentou um comportamento distinto. Com o início da crise em 1981, a rentabilidade se eleva de 9,2 em 1980 para 11,4. Este desempenho expressa o que já foi comentado anteriormente, que, diante da retração da demanda, este setor contrai sua produção e eleva sua margem de lucro. Em 1983, a rentabilidade declina para 4,1, o que pode ser parcialmente explicado pelo controle de preços exercido pelo CIP. No entanto, verifica-se que a rentabilidade do período 1981/83, 9,4, se situa acima da rentabilidade alcançada em 1980.



TABELA VIII.1  
INDICADOR FINANCEIRO  
LUCRO DISPONÍVEL/RECEITA OPERACIONAL

Grupos	1980	1981	1982	1983	Média 1981/83
Grupo Competitivo	12,2	8,6	9,6	-3,9	4,6
Grupo Oligopolizado	9,2	11,4	12,9	4,1	9,4

TABELA VIII.2

INDICADOR FINANCEIRO

LUCRO DISPONÍVEL/PATRIMÔNIO LÍQUIDO REAL

Grupos	1980	1981	1982	1983	Média 1981/83
Grupo Competitivo	24,8	15,7	17,6	-5,3	8,8
Grupo Oligopolizado	18,7	20,4	22,8	7,3	16,6

## Conclusão

As evidências empíricas constatadas através desse trabalho confirmam os ditames da Teoria do Oligopólio e, por outro lado, constata um dos argumentos da tese dos economistas heterodoxos acerca do comportamento recente da inflação brasileira.

Na fase de crescimento, o setor industrial oligopolista apresentou um crescimento da produção de 6,9% a.a. e do emprego de 3,8% a.a. e o setor competitivo cresceu 7,5% a.a. e 2,2% a.a. respectivamente. A produtividade do setor oligopolista cresceu em média 3,2% a.a. , enquanto o outro segmento industrial cresceu mais rapidamente a 5,1% a.a.. Neste período, o elevado nível de utilização da capacidade produtiva do setor oligopolista, 86,4%, deve ter contribuído para imprimir um menor ritmo de crescimento da produtividade do setor. O custo da mão de obra do setor oligopolista caiu, no período, 1,7% a.a., enquanto crescia no setor competitivo em 3,4% a.a.. No entanto, como a produtividade cresceu nos dois segmentos industriais mais rapidamente do que o salário médio real, a relação Salário Médio Real/Produtividade (proxy da margem para acumulação) caiu nos dois setores em 1,5% a.a. para o competitivo e em 4,4% a.a para o oligopólio. Isto significa um aumento da margem para acumulação neste período que foi mais intensa no oligopólio do que no setor competitivo.

Durante a recessão, a redução da produção de 7,2% a.a. no oligopólio foi acompanhada por uma redução do nível

de utilização da capacidade para 69,7%. Por outro lado, o setor competitivo reduziu a produção em média em 2,5% a.a. e a capacidade ociosa chegou a 24%. Esses dados indicam que o setor oligopolista, frente a uma maior redução e níveis de ociosidade mais elevados, incorreu em maiores aumentos do custo fixo unitário. Paralelamente à elevação dos custos fixos unitários no oligopólio, a produtividade cresceu a um ritmo inferior ao da fase de crescimento passando de 3,2% a.a. para 2,2% a.a.. Similarmente ao período de expansão, quando a produtividade do setor competitivo cresceu mais rapidamente do que a do setor oligopolista na recessão o oligopólio registrou uma taxa de crescimento da produtividade de 2,2% a.a. contra 3,0% a.a. do setor competitivo. Este segmento apresenta uma redução do crescimento da produtividade entre as duas conjunturas econômicas de 5,1% para 3,2% a.a.. O custo da mão de obra cresceu para o setor competitivo neste período em 4,0% a.a., enquanto para o setor oligopolista caiu 2,5% a.a.. A relação salário/produtividade cresceu para o segmento competitivo em média 1,1%, o que implica numa redução da margem para acumulação. Para o oligopólio, no entanto, declinou em 4,5% a.a. redundando em aumento da margem para acumulação. Assim sendo, o oligopólio apresentou um aumento do crescimento da margem para acumulação de 4,4% a.a. na fase de crescimento para 4,5% a.a. no período recessivo. Por outro lado, o setor competitivo passa de um aumento da margem de 1,5% a.a. no biênio 79/80 para um declínio de 1,1% a.a..



Os dados resultantes deste estudo indicam que o setor oligopolista da indústria brasileira apresentou um comportamento distinto do setor competitivo em conjunturas distintas.

No período de crescimento, os dois setores obtiveram aumentos nas margens de acumulação, tendo ainda, um razoável equilíbrio de preços relativos entre os segmentos industriais.

A aceleração da inflação no período recessivo 1981/83 deve ser em parte atribuída aos reajustes de preços praticado pelo setor oligopolista. Apesar do choque agrícola ( quebra da safra agrícola ) ter pressionado principalmente os custos do setor competitivo, os preços relativos moveram-se favoravelmente ao setor oligopolista. A pressão advinda da elevação do custo fixo unitário aliada à própria força de mercado das empresas oligopolistas conduziu, diante da redução da demanda, a aumentos de preços que permitiram uma elevação de margem da ordem de 4,5% a.a. .

APÊNDICE I

CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA

GÊNEROS	Peso P	1979		1980		1981		1982		1983	
		Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var % V	P X V	Var % V	P X V	Var % V	P X V
Metalurgia	0,132	1,106	0,146	1,120	0,148	0,848	0,112	0,995	0,131	0,972	0,128
Têxtil	0,107	1,059	0,113	1,073	0,115	0,928	0,099	1,047	0,112	0,897	0,096
Vest., Calç., Art. Tec.	0,038	1,041	0,040	1,062	0,040	0,998	0,038	1,050	0,040	0,896	0,034
Prod. Alimentares	0,154	1,026	0,158	1,072	0,165	0,998	0,154	1,028	0,158	1,044	0,161
Grupo Competitivo	0,431	1,061	0,457	1,086	0,468	0,935	0,403	1,025	0,442	0,972	0,419
Não Metálico	0,067	1,056	0,071	1,066	0,071	0,939	0,063	0,968	0,065	0,849	0,057
Mecânica	0,081	1,072	0,087	1,154	0,093	0,838	0,068	0,846	0,069	0,878	0,071
Material Elétrico	0,062	1,077	0,067	1,052	0,065	0,840	0,052	0,965	0,060	0,920	0,057
Material Transporte	0,091	1,053	0,096	1,020	0,093	0,724	0,066	1,086	0,099	0,818	0,074
Papel e Papelão	0,029	1,127	0,033	1,082	0,031	0,913	0,026	1,055	0,031	1,043	0,030
Borracha	0,022	1,067	0,023	1,094	0,024	0,880	0,019	0,970	0,021	0,952	0,021
Química	0,115	1,080	0,124	1,049	0,121	0,912	0,105	1,030	0,118	0,994	0,114
Farmacêutica	0,039	1,074	0,042	1,114	0,043	1,049	0,041	0,977	0,038	0,929	0,036
Matéria Plástica	0,021	1,046	0,022	1,128	0,024	0,770	0,016	1,111	0,023	0,877	0,018
Bebidas	0,027	1,039	0,028	1,031	0,028	0,936	0,025	0,944	0,025	0,952	0,026
Fumo	0,015	1,041	0,016	0,991	0,015	1,012	0,015	0,988	0,015	1,001	0,015
Grupo Oligopolizado	0,569	1,069	0,608	1,070	0,609	0,874	0,497	0,991	0,564	0,915	0,520

APÊNDICE II

CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DO EMPREGO, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA

		1979		1980		1981		1982		1983	
GÊNEROS	Peso P	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V
Metalurgia	0,125	1,031	0,129	1,021	0,128	0,912	0,114	0,891	0,111	0,903	0,113
Têxtil	0,173	1,015	0,176	1,004	0,174	0,890	0,154	0,939	0,162	0,891	0,154
Vest., Calç., Art. Tec.	0,078	1,036	0,081	1,043	0,081	0,977	0,076	1,001	0,078	0,973	0,076
Produtos Alimentares	0,159	1,021	0,162	1,027	0,163	0,985	0,157	0,989	0,157	1,011	0,161
Grupo Competitivo	0,535	1,024	0,548	1,020	0,546	0,936	0,501	0,952	0,509	0,941	0,504
Não Metálico	0,101	0,992	0,100	1,025	0,104	0,925	0,093	0,935	0,094	0,874	0,088
Mecânica	0,084	1,036	0,087	1,115	0,094	0,929	0,078	0,821	0,069	0,839	0,070
Material Elétrico	0,054	1,052	0,057	1,036	0,056	0,874	0,047	0,904	0,049	0,884	0,048
Material de Transp.	0,074	1,062	0,079	1,058	0,078	0,876	0,065	0,893	0,066	0,961	0,071
Papel e Papelão	0,031	1,070	0,033	1,050	0,033	0,928	0,029	0,944	0,029	0,935	0,029
Borracha	0,015	0,995	0,015	1,038	0,016	0,875	0,013	0,890	0,013	0,967	0,015
Química	0,045	1,002	0,045	1,051	0,047	0,961	0,043	0,930	0,042	0,938	0,042
Farmacêutica	0,011	1,006	0,011	0,972	0,011	0,978	0,011	0,973	0,011	0,938	0,010
Mat. Plástica	0,020	1,062	0,021	1,047	0,021	0,872	0,017	0,952	0,019	0,933	0,019
Bebidas	0,023	1,031	0,024	0,949	0,022	0,977	0,022	0,930	0,021	0,967	0,022
Fumo	0,007	1,072	0,008	0,903	0,006	0,929	0,007	0,991	0,007	0,922	0,006
Grupo Oligopolizado	0,465	1,031	0,479	1,047	0,487	0,916	0,426	0,905	0,421	0,905	0,421

APÊNDICE III

CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO NOMINAL, SEGUNDO GRUPOS

GÊNEROS	Peso P	1979		1980		1981		1982		1983	
		Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V
Metalurgia	0,142	1,615	0,229	1,958	0,278	2,226	0,316	2,215	0,315	2,145	0,305
Têxtil	0,137	1,609	0,220	1,934	0,265	2,203	0,302	2,110	0,289	2,135	0,292
Vest., Calç., Art. Tec.	0,049	1,549	0,076	1,900	0,093	2,139	0,105	2,099	0,103	2,207	0,108
Prod. Alimentares	0,108	1,550	0,167	1,886	0,204	2,135	0,231	2,135	0,231	2,224	0,240
Grupo Competitivo	0,436	1,589	0,693	1,926	0,840	2,186	0,953	2,149	0,937	2,168	0,945
Não Metálico	0,073	1,593	0,116	1,936	0,141	2,168	0,158	2,151	0,157	2,149	0,157
Mecânica	0,122	1,506	0,184	1,842	0,225	2,214	0,270	2,123	0,259	2,230	0,272
Material Elétrico	0,071	1,561	0,111	1,913	0,136	2,221	0,158	2,204	0,156	2,318	0,165
Mat. Transporte	0,116	1,524	0,177	1,934	0,224	2,324	0,270	2,085	0,242	2,227	0,258
Papel e Papelão	0,032	1,615	0,052	1,944	0,062	2,173	0,070	2,164	0,069	2,203	0,071
Borracha	0,018	1,784	0,032	1,783	0,032	2,217	0,040	2,252	0,041	2,340	0,042
Química	0,071	1,651	0,117	1,919	0,136	2,241	0,159	2,208	0,157	2,194	0,156
Farmacêutica	0,014	1,526	0,021	1,982	0,028	2,347	0,033	2,210	0,031	2,445	0,034
Mat. Plástica	0,018	1,575	0,028	1,755	0,032	2,139	0,038	2,221	0,040	2,148	0,039
Bebidas	0,021	1,482	0,031	1,967	0,041	2,080	0,044	2,156	0,045	2,258	0,047
Fumo	0,008	1,391	0,011	2,354	0,019	2,202	0,018	2,231	0,018	2,289	0,018
Grupo Oligopolizado	0,564	1,561	0,881	1,908	1,076	2,229	1,257	2,154	1,215	2,232	1,259



APÊNDICE IV

CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIA DE PREÇOS, SEGUNDO GRUPOS

GÊNEROS	Peso P	1979		1980		1981		1982		1983	
		Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V	Var% V	P X V
Metalurgia	0,132	1,503	0,198	1,834	0,242	1,890	0,249	1,845	0,244	2,070	0,273
Têxtil	0,107	1,451	0,155	1,923	0,206	1,802	0,193	2,040	0,218	2,301	0,246
Vest., Calç., Art. Tec.	0,038	1,432	0,054	1,446	0,055	1,767	0,067	1,990	0,076	1,899	0,072
Prod. Alimentares	0,154	1,645	0,253	1,906	0,293	1,995	0,307	2,090	0,322	2,773	0,427
Grupo Competitivo	0,431	1,535	0,661	1,847	0,796	1,895	0,817	1,994	0,859	2,363	1,019
Não Metálico	0,067	1,472	0,099	2,012	0,135	2,400	0,161	2,139	0,143	2,294	0,154
Mecânica	0,081	1,438	0,116	1,846	0,150	2,409	0,195	1,964	0,159	2,360	0,191
Mat. Elétrico	0,062	1,523	0,094	1,959	0,121	2,217	0,137	2,018	0,125	2,307	0,143
Mat. Transporte	0,091	1,424	0,130	1,742	0,159	2,433	0,221	2,246	0,204	2,214	0,201
Papel e Papelão	0,029	1,535	0,045	1,937	0,056	2,067	0,060	2,077	0,060	2,411	0,070
Borracha	0,022	1,393	0,031	1,925	0,042	2,564	0,056	2,315	0,051	2,326	0,051
Química	0,115	1,656	0,190	2,581	0,297	2,222	0,256	1,905	0,219	2,711	0,312
Farmacêutica	0,039	1,499	0,058	2,194	0,086	2,554	0,100	2,004	0,078	2,520	0,098
Mat. Plástica	0,021	1,419	0,030	2,101	0,044	2,248	0,047	2,106	0,044	2,514	0,053
Bebidas	0,027	1,450	0,039	1,869	0,050	2,390	0,065	2,225	0,060	2,261	0,061
Fumo	0,015	1,589	0,024	1,673	0,025	2,485	0,037	2,355	0,035	2,234	0,034
Grupo Oligopolizado	0,569	1,504	0,856	2,047	1,165	2,347	1,335	2,074	1,180	2,404	1,368

CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO MÉDIO REAL, SEGUNDO GRUPOS

	1979		1980		1981		1982		1983	
GÊNEROS	Var % W	Var% P	Var% W	Var% P	Var% W	Var% P	Var% W	Var% P	Var% W	Var% P
Metalurgia	1,615	1,503	1,958	1,834	2,226	1,890	2,215	1,845	2,145	2,070
Têxtil	1,609	1,451	1,934	1,923	2,203	1,802	2,110	2,040	2,135	2,301
Vest., Calç., Art. Tecidos	1,549	1,432	1,900	1,446	2,139	1,767	2,099	1,990	2,207	1,899
Produtos Alimentares	1,550	1,645	1,886	1,906	2,135	1,995	2,135	2,090	2,224	2,773
Grupo Competitivo	1,589	1,535	1,926	1,847	2,186	1,895	2,149	1,994	2,168	2,363
Não Metálico	1,593	1,472	1,936	2,012	2,168	2,400	2,151	2,139	2,149	2,294
Mecânica	1,506	1,438	1,842	1,846	2,214	2,409	2,123	1,964	2,230	2,360
Material Elétrico	1,561	1,523	1,913	1,959	2,221	2,217	2,204	2,018	2,318	2,307
Material de Transporte	1,524	1,424	1,934	1,742	2,324	2,433	2,085	2,246	2,227	2,214
Papel e Papelão	1,615	1,535	1,944	1,937	2,173	2,067	2,164	2,077	2,203	2,411
Borracha	1,784	1,393	1,783	1,925	2,217	2,564	2,252	2,315	2,340	2,326
Química	1,651	1,656	1,919	2,581	2,241	2,222	2,208	1,905	2,194	2,711
Farmacêutica	1,526	1,499	1,982	2,194	2,347	2,554	2,210	2,004	2,445	2,520
Matéria Plástica	1,575	1,419	1,755	2,101	2,139	2,248	2,221	2,106	2,148	2,514
Bebidas	1,482	1,450	1,967	1,869	2,080	2,390	2,156	2,225	2,258	2,261
Fumo	1,391	1,589	2,354	1,673	2,202	2,485	2,231	2,355	2,289	2,234
Grupo Oligopolizado	1,561	1,504	1,908	2,047	2,229	2,347	2,154	2,074	2,232	2,404

APÊNDICE VI

CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE, SEGUNDO GRUPOS

	1979		1980		1981		1982		1983	
GÊNEROS	Var% P	Var% E	Var% P	Var% E	Var% P	Var% E	Var% P	Var% E	Var% P	Var% E
Metalurgia	1,106	1,031	1,120	1,021	0,848	0,912	0,995	0,891	0,972	0,903
Têxtil	1,059	1,015	1,073	1,004	0,928	0,890	1,047	0,939	0,897	0,891
Vest., Calç., Art. Tecidos	1,041	1,036	1,062	1,043	0,998	0,977	1,050	1,001	0,896	0,973
Produtos Alimentares	1,026	1,021	1,072	1,027	0,998	0,985	1,028	0,989	1,044	1,011
Grupo Competitivo	1,060	1,024	1,086	1,020	0,935	0,936	1,025	0,952	0,972	0,941
Não Metálico	1,056	0,992	1,066	1,025	0,939	0,925	0,968	0,935	0,849	0,874
Mecânica	1,072	1,036	1,154	1,115	0,838	0,929	0,846	0,821	0,878	0,839
Material Elétrico	1,077	1,052	1,052	1,036	0,840	0,874	0,965	0,904	0,920	0,884
Material de Transporte	1,053	1,062	1,020	1,058	0,724	0,876	1,086	0,893	0,818	0,961
Papel e Papelão	1,127	1,070	1,082	1,050	0,913	0,928	1,055	0,944	1,043	0,935
Borracha	1,067	0,995	1,094	1,038	0,880	0,875	0,970	0,890	0,952	0,967
Química	1,080	1,002	1,049	1,051	0,912	0,961	1,030	0,930	0,994	0,938
Farmacêutica	1,074	1,006	1,114	0,972	1,049	0,978	0,977	0,973	0,929	0,938
Matéria Plástica	1,046	1,062	1,128	1,047	0,770	0,872	1,111	0,952	0,877	0,933
Bebidas	1,039	1,031	1,031	0,949	0,936	0,977	0,944	0,930	0,952	0,967
Fumo	1,041	1,072	0,991	0,903	1,012	0,929	0,988	0,991	1,001	0,922
Grupo Oligopolizado	1,069	1,031	1,070	1,047	0,874	0,916	0,991	0,905	0,915	0,905

## CONSTRUÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DO SALÁRIO REAL/PRODUTIVIDADE, SEGUNDO GRUPOS

	1979		1980		1981		1982		1983	
GÊNEROS	Var% W	Var% Pt	Var% W	Var% Pt	Var% W	Var% Pt	Var% W	Var% Pt	Var% W	Var% Pt
Metalurgia	1,074	1,072	1,067	1,097	1,178	0,930	1,201	1,117	1,037	1,077
Têxtil	1,108	1,043	1,006	1,069	1,222	1,042	1,034	1,115	0,928	1,006
Vest., Calç., Art. Tecidos	1,082	1,005	1,314	1,019	1,210	1,022	1,055	1,049	1,162	0,921
Produtos Alimentares	0,943	1,005	0,990	1,044	1,070	1,013	1,021	1,040	0,802	1,033
Grupo Competitivo	1,036	1,035	1,043	1,064	1,154	0,998	1,078	1,077	0,918	1,033
Não Metálico	1,082	1,064	0,962	1,040	0,903	1,015	1,006	1,035	0,936	0,972
Mecânica	1,048	1,034	0,998	1,036	0,919	0,902	1,081	1,030	0,945	1,047
Material Elétrico	1,025	1,024	0,976	1,015	1,002	0,961	1,092	1,067	1,004	1,041
Material de Transporte	1,070	0,991	1,110	0,964	0,955	0,827	0,928	1,216	1,006	0,852
Papel e Papelão	1,052	1,053	1,003	1,030	1,051	0,984	1,042	1,118	0,914	1,115
Borracha	1,280	1,072	0,926	1,055	0,865	1,006	0,973	1,090	1,006	0,984
Química	0,997	1,078	0,743	0,999	1,009	0,949	1,159	1,107	0,809	1,061
Farmacêutica	1,018	1,068	0,903	1,147	0,919	1,073	1,103	1,004	0,970	0,990
Matéria Plástica	1,110	0,985	0,835	1,077	0,951	0,883	1,054	1,167	0,854	0,940
Bebidas	1,022	1,008	1,052	1,085	0,870	0,958	0,969	1,015	0,999	0,985
Fumo	0,876	0,971	1,407	1,098	0,886	1,090	0,947	0,997	1,025	1,086
Grupo Oligopolizado	1,038	1,037	0,932	1,023	0,950	0,954	1,039	1,095	0,928	1,010



CONSTRUÇÃO DO NÍVEL DE OCIOSIDADE, SEGUNDO GRUPOS DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

GÊNEROS	Peso P	1979		1980		1981		1982		1983	
		Nível N	P X N	Nível N	P X N	Nível N	P X N	Nível N	P X N	Nível N	P X N
Metalurgia Têxtil Vest., Calç., Art. Tec. Prod. Alimentares	0,132	11	1,452	11	1,419	22	2,871	23	3,069	22	2,871
	0,107	12	1,231	11	1,124	19	2,006	17	1,792	22	2,327
	0,038	12	0,437	12	0,466	17	0,656	16	0,589	17	0,656
	0,154	23	3,465	25	3,812	27	4,081	27	4,120	27	4,120
Grupo Competitivo	0,431	15	6,585	16	6,820	22	9,614	22	9,570	23	9,973
Não Metálico Mecânica Mat. Elétrico Mat. Transporte Papel e Papelão Borracha Química Farmacêutica Mat. Plástica Bebidas Fumo	0,067	11	0,754	10	0,637	18	1,189	18	1,223	29	1,910
	0,081	22	1,802	20	1,620	30	2,430	35	2,795	42	3,362
	0,062	21	1,287	21	1,287	30	1,860	28	1,721	33	2,062
	0,091	17	1,502	14	1,274	34	3,117	38	3,458	36	3,231
	0,029	12	0,348	9	0,254	14	0,399	12	0,348	14	0,399
	0,022	5	0,105	5	0,110	22	0,490	26	0,561	30	0,649
	0,115	10	1,150	13	1,495	20	2,300	18	2,041	19	2,214
	0,039	17	0,653	17	0,663	22	0,839	22	0,839	23	0,897
	0,021	20	0,410	18	0,383	31	0,641	27	0,567	35	0,730
	0,027	17	0,459	16	0,439	17	0,446	19	0,520	22	0,601
	0,015	14	0,206	18	0,266	21	0,311	22	0,330	33	0,495
Grupo Oligopolizado	0,569	15	8,675	15	8,427	25	14,020	25	14,401	29	16,547

B I B L I O G R A F I A

1. ALMEIDA, J. Industrialização e Emprego no Brasil.  
IPEA. Coleção Relatórios de Pesquisa 24, 1974.
2. BACHA, E. e MATA, M. Emprego e Salários na Indústria de Transformação, 1949/1969. PPE V.3  
(2), Junho/1973.
3. BAER, W. A recente experiência brasileira de desenvolvimento. PPE V.3 (2), Junho/1973.
4. BAIN, J. Barriers to New Competition. (Cambridge University Press, 1956).
5. \_\_\_\_\_. Organizacion Industrial. Barcelona, Omega, 1963.
6. BARAN, P.A. e SWEEZY, P.M. Capitalismo Monopolista. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978
7. BRAGA, J.C. e MAZZUCHELLI, F. Notas Introdutórias ao Capitalismo Monopolista in Revista de Economia Política V.1 (2), Abril-Junho/1981.

8. BRAVERMAN, H. Trabalho e Capital Monopolista.  
Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.
9. BONELLI, R. Produção Industrial - Sugestão Metodologica para a elaboração de índices e aplicações. PPE V.3 (2), Junho/1973.
10. ———. Mais Dificuldades na Interpretação dos Dados da Indústria. PPE V.8 (2), agosto/1978.
11. BONELLI, R. e ALLI. Crescimento Industrial no Brasil. Incentivos e Desempenho Recente. IPEA, Coleção Relatórios de Pesquisa 26, 1974.
12. BONELLI, R. e GUIMARÃES, E.A. Taxas de Lucro de Setores Industriais no Brasil: Uma Nota sobre sua Evolução no Período 1973-79 in Estudos Econômicos V.11 (3), Dezembro/1981.
13. BRESSER PEREIRA, L.C. Estado e Subdesenvolvimento Industrializado. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
14. ———. Economia Brasileira: Uma Introdução Crítica, São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

15. ————. O Desenvolvimento e os Lucros. A Tendencia Declinante da Taxa de Lucros Reexaminada.  
Tese de Livre Docência, Versão Preliminar, 1979.
16. BRESSER PEREIRA, L.C. e NAKANO, Y. Inflação e Recessão. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
17. CALABI, A., REISS, G.D. e LEVY, P.M. Geração de Poupanças e Estrutura de Capital das Empresas no Brasil. IPE. Relatório de Pesquisa, 1981.
18. CONSIDERA, C.M. Estrutura e Evolução dos Lucros e dos Salários na Indústria Brasileira. PPE V.10 (1), Abril/1980.
19. ————. Preços, Mark-up e Distribuição Funcional da Renda na Indústria de Transformação: Dinâmica de Longo e Curto Prazo. PPE V.11 (3), Dezembro/1981.
20. COUTINHO, L. A Oligopolização e os Efeitos na Economia Brasileira in Cadernos ANPEC de Economia nº 1, 1977.



21. COUTINHO, L. e REICHTUL, H.P. Investimento Estatal 1974-1980: Ciclo e Crise in Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaio sobre a Crise V.2, São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
22. DAVIDOFF, P. Dívida Externa e Política Econômica. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
23. DOELLINGER, C. e CAVANCANTI, L. Empresas Multinacionais na Indústria Brasileira. IPEA, Relatório de Pesquisa 29, 1979.
24. EVANS, P. A Tríplice Aliança. As Multinacionais, As Estatais e o Capital Nacional no Desenvolvimento Dependente Brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
25. EVANS, P. e VINHAS, M. Um delicado Equilíbrio: O Capital Internacional e o Local na Industrialização Brasileira in Caderno CEBRAP 28, 1977.
26. FAJNZYLBER, F. Oligopólio, Empresas Transnacionais e Estilos de Desenvolvimento in Estudos CEBRAP 19, 1977.
27. ———. Sistema Industrial e Exportação de Manufaturados in Relatório de Pesquisa 7, IPEA, 1971.

28. ————. Estratégia Industrial e Empresas Internacionais in Relatório de Pesquisa 4, IPEA, 1971.
29. FIGUEIREDO, O. Estrutura de Mercado e Desempenho na Indústria Brasileira de Bens de Consumo. Tese de Doutorado, apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, 1982.
30. GALBRAITH, J.K. Uma teoria do Controle de Preços. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982.
31. GAREGNANI, P. e ALLI. Progresso Técnico e Teoria Econômica. São Paulo, Editora Hucitec, 1980.
32. GUIMARÃES, E.A. Acumulação e Crescimento da Firma. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
33. HYMER, S. Empresas Multinacionais: A Internacionalização do Capital. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978.
34. KALECK, M. Crescimento e Ciclo das Economias Capitalistas. São Paulo, Editora Hucitec, 1980.

35. LABINI, P.S. Oligopólio e Progresso Técnico. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1980.
36. ————. Sobre o Conceito de Taxa Ótima de Lucro. PPE V.10 (1), ab 1980.
37. MALAN, P. e BONELLI, R. Os limites do Possível: Notas sobre Balanço de Pagamentos e Indústria nos Anos 70. PPE V.6 (2), Agosto/1976.
38. MERHAV, M. Dependencia Tecnologica, Monopolio y Crecimiento. Buenos Aires, Ediciones Periferia, 1972.
39. MILLER, L.M. Diversificação das Empresas Industriais no Brasil: 1974. PPE V.11 (2), Agosto/1981.
40. MODIANO, E. A Dinâmica de Salários e Preços na Economia Brasileira. PPE V.13 (1), Abril/1983.
41. NEGRI, B. Um Estudo de Oligopólio in Revista de Economia Política V.1 (3), Julho-Setembro/1981.
42. NEWFARMER, R. O Takeover das Transnacionais no Brasil e o Controle sobre o Mercado in PPE V.8 (2), Agosto/1978.

43. OLIVEIRA, F. A Economia da Dependência Imperfeita. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977.
44. OLIVEIRA LIMA, L.A. O Conceito de Mark-up nos Modelos de Distribuição e Crescimento in Revista de Economia Política, V.1 (2), Abril-Junho/1981.
45. PINTO, R.A.A. Oligopólio, Políticas de Estabilização e Controle de Preços. Tese de Mestrado apresentada à Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, 1981.
46. RATTNER, H. Industrialização e Concentração Econômica em São Paulo. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serv. de Publicações, 1972.
47. SCHERER, F.M. Preços Industriais, Teoria e Evidência. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1979.
48. SERRA, J. Ciclos e Mudanças Estruturais na Economia Brasileira do Pós-Guerra in Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Ensaio sobre a Crise V.1, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.
49. STEINDL, J. Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.



50. SWEEZY, P.M. Teoria do Desenvolvimento Capitalis-  
ta. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
51. TAVARES, M.C. Estrutura Industrial e Empresas Lí-  
deres. FINEP - Financiadora de Estudos e Proje-  
tos, Versão Preliminar, 1976.
52. ————. Acumulação de Capital e Industriali-  
zação no Brasil. Tese de Livre Docência apresen-  
tada à Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, 1975.
53. TAVARES, M.C. e FAÇANHA, L.O. A Presença de Grandes  
Empresas na Estrutura Industrial Brasileira in  
Revista da ANPEC nº 2, 1978.